

wookacontece



Gratuita
Bianual
Novembro 2024
Número 13



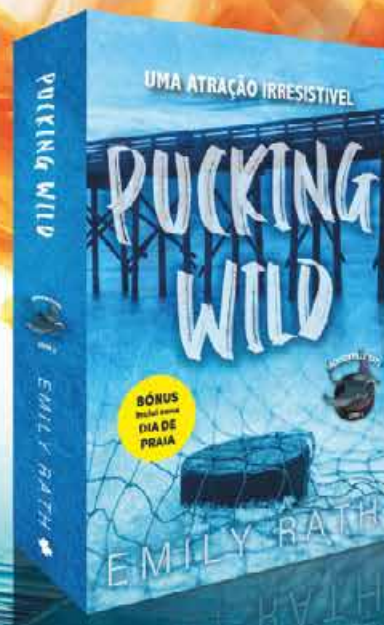
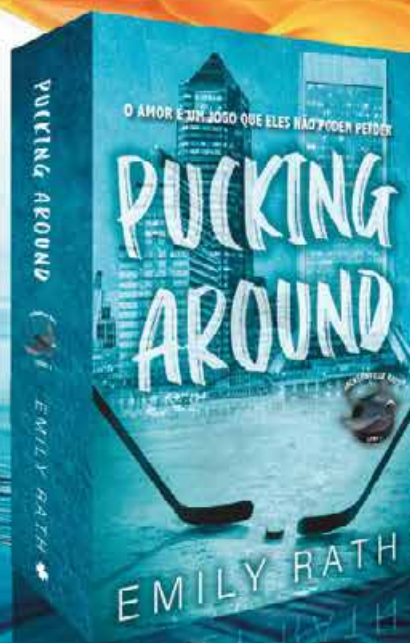
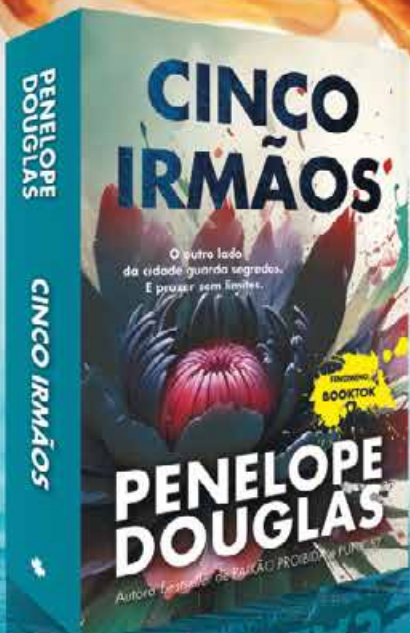
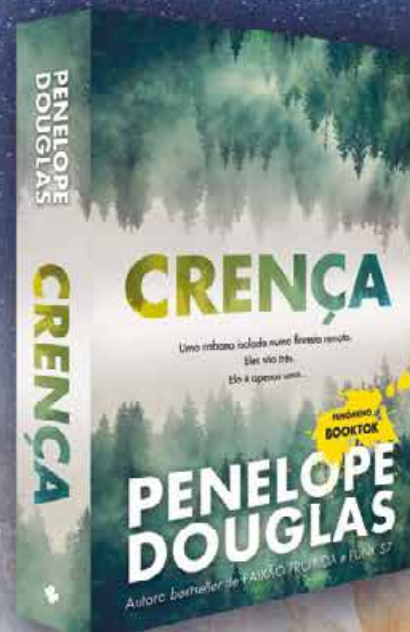
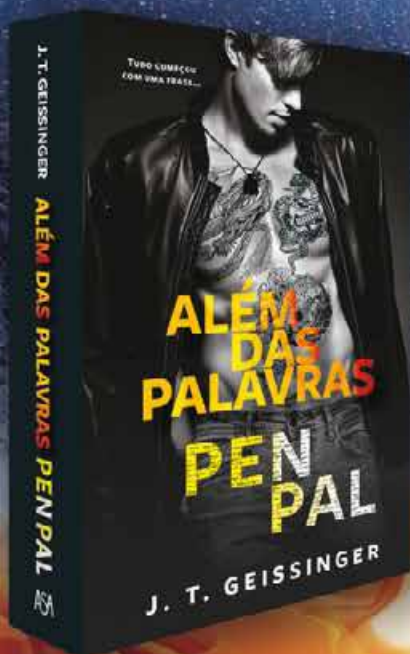
wook

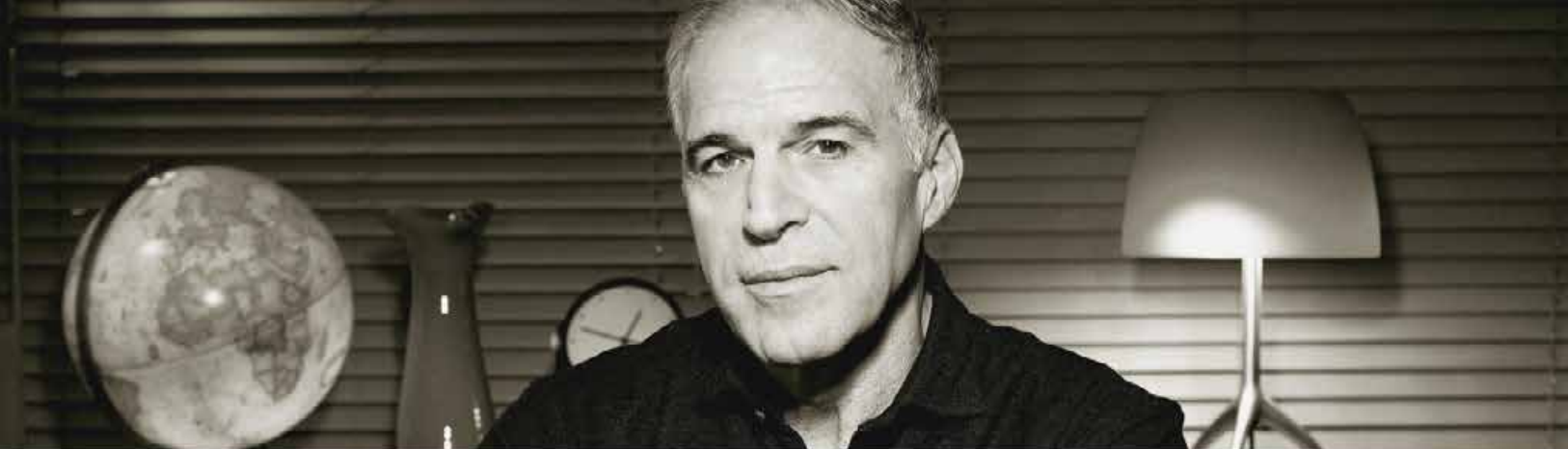
Entrevistas exclusivas
Paula Hawkins
Rodrigo Guedes
de Carvalho

Novidades
Wook
vamos ler
neste outono

Han Kang
Nobel
da Literatura
2024

LIVROS PARA AQUECER E APIMENTAR O TEU INVERNO!





18 Entrevista **Rodrigo Guedes de Carvalho**

2 Wook vamos ler...
neste outono

28 Adolescências
de hoje
Daniel Sampaio

10 Como não ser
corcunda de
Notre-Dame

30 Entrevista
Paula Hawkins

12 **Han Kang**
Nobel da Literatura
2024

35 Receita:
**Queijo assado
com compota**

16 D. Maria Fernanda
de Vasconcellos
Rui Couceiro

36 Wook se escreve
em **Cuba**

23 **Juan Cavia**, autor
da ilustração da capa
Uma breve biografia

39 **Palavras cruzadas
literárias**

24 **Os animais que
os fazem humanos**

40 Um rosto no Natal
Poema de Ruy Belo

Wook vamos ler neste Outono

As novidades literárias deste outono prometem aquecer os dias mais frios com histórias envolventes e reflexões profundas. Comece por se encantar com os novos romances de Mia Couto e Sally Rooney, enfrente emoções fortes nos *thrillers* de Camilla Läckberg e Freida McFadden e reflita sobre o mundo na poderosa biografia de Alexei Navalny. Além de livros que são ferramentas essenciais para

enfrentar os desafios da vida moderna, aproveite, com os mais novos, os momentos de inspiração mágica de Kobi Yamada.

LITERATURA



O Protocolo Caos

José Rodrigues dos Santos

O autor preferido de muitos portugueses está de volta com mais uma aventura de Tomás Noronha. Um homem encapuzado abre fogo sobre a multidão, matando crianças, mulheres e homens. No final, revela o rosto: é Tomás Noronha. Este é um romance empolgante, abordando temas atuais como *fake news*, manipulação nas redes sociais, ataques informáticos, *hackers* e *trolls*, e figuras como Trump e Putin.



A Cegueira do Rio

Mia Couto

Um dos maiores autores de língua portuguesa recria, no seu novo romance, um incidente militar passado em 1914, no início da I Guerra Mundial, numa aldeia de Moçambique. Livros, relatórios, documentos, fotografias e mapas... tudo desaparece, e ninguém no mundo domina a arte da escrita. Os habitantes da aldeia são chamados a restabelecer a ordem e a ensinar o ofício da escrita aos europeus.



Fomos Mais do que um Erro

Raul Minh'Alma

Quando Benedita chega à Herdade do Aragão, não imagina que aquele lugar vai mudar a sua vida para sempre. Num relacionamento tóxico, mas incapaz de sair dele, vê-se mergulhada num dilema quando conhece Pedro, o tratador de cavalos da herdade. Certas pessoas têm mesmo de entrar na nossa vida, e outras têm de sair dela para podermos ser felizes. Será Benedita capaz de perceber qual é qual?



À Espera de um Milagre

Nicholas Sparks

Após a morte da avó, que o criou, Tanner, um militar de carreira, procura seguir o último conselho dela e encontrar o seu lugar. Kaitlyn, médica e mãe solteira, só deseja paz após um divórcio tumultuoso. E Jasper, de 83 anos, vive sozinho com o seu velho cão, assombrado por um trágico acidente do passado. Nenhum deles espera um milagre, porém, talvez seja exatamente isso que vai acontecer...



Rei da Preguiça

Ana Huang

E eis um novo romance picante da autora-fenómeno no *BookTok*. Xavier Castillo é um homem encantador, mas sem qualquer desejo de assumir o controlo dos negócios da família. Sloane Kensington é uma empresária determinada a gerir clientes difíceis. Mas nenhum a enfeitece – ou a provoca – mais do que um certo herdeiro... Pode ser obrigada a trabalhar com ele, mas não vai passar disso, ou vai?



Querida Tia

Valérie Perrin

Em 2010, a polícia contacta Agnès para ela identificar o corpo da sua recém-falecida tia Colette, enterrada três anos antes... A jovem cineasta regressa à sua terra natal, Guegnon, onde se depara com notas com os últimos desejos e casetes que a tia lhe deixou. Um romance com o elemento de mistério de *A Breve Vida das Flores* e o desenvolvimento dos laços familiares de *Os Esquecidos de Domingo*.



A Vida é Bela

Sveva Casati Modignani

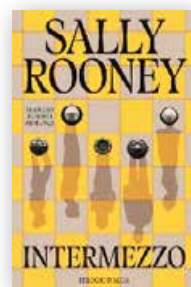
Andreina, Carlotta, Gloria e Maria Sole – as amigas inseparáveis de *Festa de Família* – sempre se apoiaram mutuamente. Agora mulheres maduras, estão prontas para tomar decisões que mudarão as suas vidas para sempre... Entre grandes dores, mas também muitas pequenas alegrias, há um final surpreendente reservado para cada uma delas. Porque, apesar de infringir algum sofrimento, a vida é bela.



Sonhar Acordada – Daydream

Hannah Grace

Depois de *Quebrar o Gelo* – *Ice Breaker* e de *Fogo Selvagem* – *Wildfire*, Hannah Grace está de regresso com o romance mais doce e sensual do ano! Desta vez, os dois protagonistas terão de elaborar um plano imbatível para ultrapassar os seus desafios num ano particularmente difícil na faculdade. O terceiro e muito aguardado romance da autora que define indiscutivelmente o género *new adult*.



Intermezzo

Sally Rooney

Apesar de serem irmãos, Peter e Ivan Koubek têm pouco em comum. Peter é um advogado na casa dos trinta – bem-sucedido, competente e imperturbável. Ivan é um jogador de xadrez competitivo de 22 anos. Sempre se viu como socialmente desajeitado, a antítese do irmão mais velho. Quando o pai morre, os irmãos em luto e as pessoas que amam vivem um interlúdio de desejo, desespero e possibilidades.



A Hora Azul

Paula Hawkins

Uma ilha isolada na Escócia com apenas uma casa, um habitante, uma saída. Inacessível durante 12 horas por dia. Outrora, foi o lar de Vanessa, artista famosa cujo marido infiel desapareceu há 20 anos. Hoje, é o lar de Grace, solitária criatura das marés, conformada com o seu isolamento. Quando se dá uma descoberta chocante numa galeria de arte em Londres, surge um visitante. E os segredos da ilha ameaçam vir à superfície...



Não Incomodar

Freida McFadden

Quinn Alexander cometeu um crime impensável. Para evitar passar a vida na prisão, ela foge e refugia-se num motel durante uma tempestade. O lugar é sombrio e tem um passado perturbador. E, na casa em ruínas ao lado, a mulher doente do dono do motel está sempre à janela, a observar. Quinn decide sair, mas precisa de sobreviver àquela noite. Mais uma leitura vertiginosa, compulsiva e absorvente.



Sonhos de Bronze

Camilla Läckberg

O explosivo final da história de Faye, que regressa mais sexy e mais vingativa do que nunca! O ex-marido de Faye está morto, e ela continua sob a ameaça do pai, em fuga da prisão. Todos os seus amigos e familiares estão em perigo e também o trabalho da sua vida, a Revenge. Faye decide então pedir ajuda à pessoa em quem mais confia, um homem fulcral para a sua vingança final.



Os Dias Contados

João Tordo

Fevereiro de 2013. Um acidente na neve precipita uma cadeia de acontecimentos que culminam no primeiro caso de investigação de Pilar Benamor. Neste *thriller*, João Tordo retrata o embate de Pilar com as várias faces do horror, mas conta também uma bonita história de amor entre um pai e um filho, que põe a descoberto as pesadas consequências dos erros mais humanos.

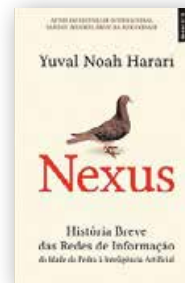
NÃO FICÇÃO



Patriota

Alexei Navalny

Alexei Navalny começou a escrever *Patriota* pouco depois do seu envenenamento quase fatal em 2020. Esta é a história completa da sua vida: a juventude, a vocação para o ativismo, o casamento, a família e o empenho em desafiar uma superpotência mundial determinada em silenciá-lo. Um relato comovente dos seus últimos anos passados na prisão mais cruel do planeta.



Nexus

Yuval Noah Harari

Ao longo dos últimos cem mil anos, os seres humanos acumularam um enorme poder. Contudo, apesar de todas as descobertas, invenções e conquistas, vivemos uma crise existencial. A democratização do acesso à informação revelou, paradoxalmente, que a informação não é a matéria-prima da verdade nem apenas uma arma. Harari explora o limbo entre estes dois extremos e a nossa humanidade comum.



A Vida em Nós

José Tolentino Mendonça

Este livro reúne um conjunto de reflexões de D. José Tolentino Mendonça sobre temas da nossa vida, do nosso tempo e das nossas inquietações. O que significa ser cristão hoje; até onde vão os domínios da fé ou os limites da esperança; o que significam a alegria, a família, a velhice, o amor e a amizade, a imperfeição do tempo e a necessidade da beleza nas nossas vidas?



Começa Já

Pedro Andersson

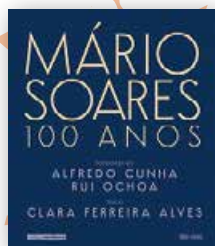
Tem entre 16 e 30 anos e quer aprender sobre dinheiro? Pedro Andersson aborda a literacia financeira com foco nos jovens. Aprenda sobre finanças pessoais, o que é realmente o dinheiro, a poupar de forma inteligente, a aumentar os rendimentos, a investir e a criar um Fundo de Emergência robusto. Inclui uma *checklist* para não deixar escapar nenhum objetivo e começar a ganhar dinheiro.



O Teu Corpo é a Tua Casa

Bárbara Yu Belo

Este é o guia para que viva em harmonia com o seu ciclo menstrual. O nosso corpo é a nossa casa, e o ciclo menstrual é o reflexo da saúde da mulher em geral. Aprenda a importância do ciclo menstrual e a regulá-lo de forma natural, esclarecendo dúvidas fulcrais sobre a menstruação e o ciclo ovulatório. Inclui um plano de 12 semanas para reequilibrar o seu ciclo e voltar a viver em harmonia.



Mário Soares, 100 Anos

Alfredo Cunha

Rui Ochoa

Clara Ferreira Alves

No dia 7 de dezembro de 2024, Mário Soares celebraria 100 anos de vida. Este livro, com fotografias de Alfredo Cunha e Rui Ochoa, e textos de Clara Ferreira Alves, pretende homenagear uma vida que se cruza com a nossa História. Da figura pública e de Estado ao homem privado, com uma vasta recolha documental e fotografias inéditas do seu espólio e dos espaços que habitou na sua intimidade.

SAÚDE



Dormir é Fácil

André Ponte

Henrique Prata Ribeiro

A insónia é um problema de sono muito comum e tratado sobretudo com medicação. André Ponte e Henrique Prata Ribeiro, psiquiatras, apresentam uma abordagem cognitivo-comportamental para acabar de vez com a insónia, sem ter de ir à farmácia. Avalie o seu sono e realize o plano de tratamento de quatro semanas que propõem. Inclui testes, diários de sono e exercícios para aplicar na sua rotina.

DESENVOLVIMENTO PESSOAL



O Corpo Consciente

Erica Hornthal

A premissa deste livro é convidá-lo a adquirir consciência corporal. Como diria Thich Nhat Hanh, «A consciência é como sol. Ao iluminar as coisas, transforma-as.» A prática do movimento consciente pode aliviar os sintomas da depressão, aumentar a sensação de intimidade e ligação com quem ama, reduzir a ansiedade e o pânico, e influenciar positivamente a sua vida, e isso significa cura.



Pare de (Tentar) Agradar aos Outros

Hailey Magee

Muitos de nós aprendemos a dar prioridade aos sentimentos dos outros ainda na infância, quando a nossa própria segurança dependia do estado de espírito de quem estava à nossa volta. Enquanto adultos, pomos de lado as nossas necessidades na esperança de que os outros nos proporcionem felicidade, amor e pertença. Quebrar este padrão permite-nos alcançar um "Eu" mais autêntico e rodearmos-nos de pessoas que nos valorizam.

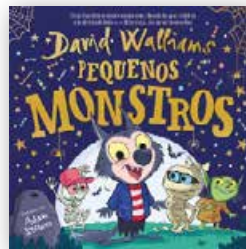


Relacionamentos Amorosos

Maria Gorjão Henriques

Este é um livro sobre relacionamentos na perspetiva sistémica e sobre a importância de abraçar as partes de si que rejeita e exclui. Sobre conhecer-se a si próprio, para ser uma pessoa mais harmoniosa e completa. Encontrará nele respostas, exercícios e um caminho de compreensão sobre quem é, para libertar o seu relacionamento de pressões que lhe coloca, ainda que de forma inconsciente.

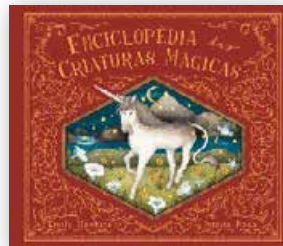
INFANTIL



Pequenos Monstros

David Walliams

Howler é um pequeno lobisomem com um grande problema: não é assustador! Numa noite de lua cheia, será um uivo estridente uma coisa assustadora? E se for um "uuuuuhhh" ou um "graarr" numa masmorra escura? Ou será que depende das nossas companhias? Uma história monstruosamente divertida que celebra a individualidade e a diferença, para as crianças mais pequenas, com gargalhadas garantidas.



Enciclopédia das Criaturas Mágicas

Emily Hawkins

Aviso: apenas para fãs de mitologia e criaturas mágicas. Manusear este livro com capa de tecido vermelho e relevo em folha dourada transporta a imaginação dos mais pequenos para bibliotecas de tempos idos, escondidas nas brumas de mundos secretos. Uma leitura perfeita para explorar o mundo de seres como poderosas serpentes ou doces e gentis unicórnios, cuja existência se desvaneceu em lendas.

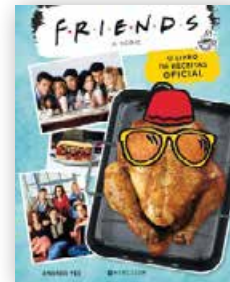


Porque Não?

Kobi Yamada

O novo livro dos autores de *Tudo É Possível* traz uma mensagem poderosa sobre tudo aquilo de que somos capazes e ilustrações magníficas. Este não é um livro só para os mais pequenos, porque nós, adultos, também nos fascinamos com a sabedoria contida em cada página, que nos convida a admirarmos diariamente as maravilhas do mundo que nos rodeia e a seguirmos os nossos sonhos.

GASTRONOMIA



Friends: O Livro de Receitas Oficial

Amanda Yee

Temporada 1, Episódio 1: Aquele em que faz todas as receitas de *Friends* em casa. A série celebra 30 anos, e porque não celebrá-la com mais de 100 receitas deliciosas que foram acompanhando os famosos amigos? Do nível de entusiasta de Joey ao de chef experiente de Mónica, não deixe de experimentar delícias como o *Trifle de Carne da Rachel* ou o *Banquete de Ação de Amigaças da Monica*.

Wook vamos ler neste outono... em inglês



The Christmas Tree Farm

Laurie Gilmore

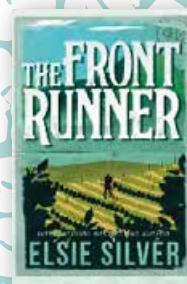
Kira odeia o Natal – o que é uma pena, já que acabou de comprar uma quinta de árvores de Natal, precisamente. Ben está de férias na mesma cidade, Dream Harbor, para fugir à sua vida na Califórnia e recuperar de uma série de azares amorosos. Não tem a mínima intenção de se oferecer para ajudar a teimosa e mal-humorada Kira, apesar de esta claramente não ter ideia do que faz. Mas, quando o destino os junta, Kira dá por si a apreciar a força de Ben, perguntando-se se ele não será a pessoa certa para a ajudar com a quinta e... algo mais. Da autora de *The Pumpkin Spice Cafe*, esta comédia romântica promete tornar o Natal muito "picante".



The City And Its Uncertain Walls

Haruki Murakami

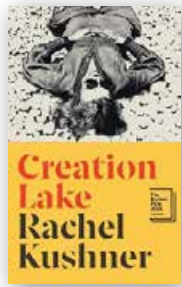
Quando a namorada de um jovem desaparece misteriosamente, este parte em busca do lugar imaginário onde vive o seu verdadeiro "eu". Encontra uma cidade separada do resto do mundo através de uma muralha, um lugar sem sombras, habitado por feras. Aí reencontra a sua amada, que trabalha numa biblioteca de sonhos, mas esta não se lembra da vida que partilharam no outro mundo. À medida que a fronteira entre realidade e fantasia se dilui, o nosso protagonista terá de decidir o que está disposto a perder. Este tão aguardado novo romance de Murakami, o primeiro em seis anos, é simultaneamente uma história de amor, uma ode aos livros e uma parábola aos tempos estranhos em que vivemos.



The Front Runner

Elsie silver

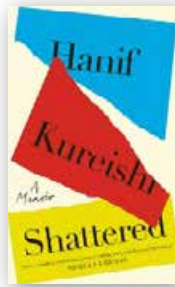
Stefan Dalco é dono de um rancho de corridas de cavalos. Na sua vida não há espaço para o amor, mas isso não o impede de se sentir atraído pela Dra. Mira Thorne, a veterinária do rancho. Assim, quando uma das amigas de Mira precisa desesperadamente da ajuda de Stefan, ele só pede uma coisa em troca: três encontros com Mira. As regras são simples: não se podem tocar, ninguém pode saber que os dois saíram juntos e não se podem apaixonar. Mas, para além de ser irritantemente persistente, Stefan é também muito bonito. E, a cada conversa íntima, a tensão entre os dois aumenta. Ceder a Stefan é brincar com fogo, mas será Mira capaz de lhe resistir?



Creation Lake

Rachel Kushner

Sadie Smith, uma agente secreta de moral questionável, é enviada para um ponto remoto em França, com a missão de se infiltrar numa comunidade de ativistas ambientais. A jovem começa por achar ridículas as ideias radicais do carismático líder do grupo, Bruno Lacombe, que vive numa caverna e defende o regresso ao primitivismo neandertal. No entanto, com o tempo, Sadie deixa-se seduzir pelas suas teorias acerca da futilidade da civilização, sendo apanhada no fogo cruzado entre passado e futuro. Parodiando o romance de espionagem, *Creation Lake* é uma reflexão profunda sobre a Humanidade, tendo sido considerada a melhor obra da autora.



Shattered

Hanif Kureishi

No final de 2022, em Roma, Hanif Kureishi, autor de *The Buddha of Suburbia*, sofreu uma queda. Ao acordar, percebeu com horror que tinha ficado paralisado. Não era capaz de fazer nada sem ajuda, requerendo cuidados permanentes. Assim começou a sua odisséia de um ano através do sistema médico italiano, sempre na esperança de um dia voltar a casa, em Londres. Confinado à enfermaria do hospital, Kureishi sentiu-se compelido a escrever, ditando aos familiares as palavras que se formavam na sua cabeça. O resultado é esta espécie de diário de uma vida em pedaços, que dá conta, com honestidade e coragem, da sua perda, mas também da uma nova vida, marcada pela gratidão e pela humildade.



Citizen

Bill Clinton

Em 2001, após oito anos na presidência dos EUA, Bill Clinton passou a ser de novo um cidadão comum. Com apenas 54 anos, cheio de energia e ideias, queria dar uso a tudo o que aprendeu na sua longa carreira política, mas não sabia como. A resposta chegou-lhe pouco depois de deixar a Casa Branca, sob a forma de um apelo para ajudar as vítimas de um terremoto. Clinton mergulhou de imediato no trabalho, criando, nas décadas seguintes, um legado de serviço público e repensando o impacto que um ex-presidente pode ter no mundo. *Citizen* é uma crónica desses anos e dos eventos mais significativos do século XXI, como o 11 de setembro e a COVID-19, mostrando-nos também o seu lado mais privado, enquanto pai, avô e marido.

— TODA A —
MAFALDA



quino

IGUANA

**TODAS AS TIRAS DA
PERSONAGEM MAIS
QUERIDA DA BD!**

**EDIÇÃO
COMEMORATIVA
DOS 60 ANOS**

**O ALGORITMO
DESCOBRIU OS NOSSOS
SEGREDOS E VIROU-NOS
UNS CONTRA OS OUTROS**

**O QUE PODEMOS ESPERAR
DA INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL?**

NOVIDADE DO AUTOR DO BESTSELLER INTERNACIONAL
SAPIENS: HISTÓRIA BREVE DA HUMANIDADE

ELSMORE

Yuval Noah Harari



Nexus

História Breve
das Redes de Informação
da Idade da Pedra à Inteligência Artificial

Como não ser

Cheguei aos 30 anos com costas de 50, e isso significa que já sei o que é um osteopata. Dei por mim, no outro dia, nas mãos mágicas de um tipo que me estalou toda. Até ossos que eu nem sabia que tinha ele conseguiu meter no sítio. Depois de uma hora daquilo, pareceu que me saiu dos ombros uma mochila cheia de livros. E pensei que de leitora a Corcunda de Notre-Dame são duas décadas de distância.

No caminho para casa, já eu não era Quasimodo. Senti-me até Phoebus de Châteaupers, com a minha Esmeralda à espera. Com o pescoço no sítio, a coluna vertebral mais a direito, parecia quase pronta a capitanear os arqueiros do rei Luís XI, mas claro que a vida real é outra coisa, e os meus dias são mais lassos. Limitei-me, por isso, a subir as escadas, sentar-me no sofá, abrir outro livro para fazer uma crítica. À minha volta, bem se imagina, estantes de tal forma cheias que faziam com que ovos parecessem coisas ocas. Comprei a minha casa há cinco anos. Na altura, comentei: «Tem tantas paredes. Nunca terei falta de espaço para livros.» Quem me ouviu, ufana, franziu o sobrolho. Hoje em dia, engulo a estupidez da ingenuidade e telefono tantas vezes ao carpinteiro que me espeta prateleiras onde quer que se veja cal que até temo que a esposa venha a julgar que sou a amante. Imagine-se: eu feliz da vida a empilhar romances, de repente transformada em Marguerite Duras. A cabeça de um leitor não tem limites, vai aonde qualquer livro for, mas os quilos que uma cervical aguenta sim, e o mesmo pode dizer-se dos metros de papel no esqueleto interno de uma casa. Com os anos a passar, a pilha a aumentar, a asma a piorar, o pó a assentar, lá comecei a perceber que isto de ler à maluca é coisa de malucos. De repente, em vez de profissional da literatura, já eu era um *hamster* a correr atrás da cauda: recebia livros em casa, fazia críticas, ganhava dinheiro, comprava prateleiras, pagava mão de obra para as montar, ficava sem dinheiro, recebia livros em casa, fazia críticas, etc. e coiso e tal e tal. Eu, que sempre odiei ratos, de repente transformada num – que nojo.

O outro problema de tudo isto é que a casa nunca ficava maior, e eu tinha na mesma de subir três andares com o peso às costas. Ora, com duas hérnias bem instaladas, dei por mim a olhar para o passado.

Bem me lembro de dizer: “Se alguma vez eu vir vantagens num eBook, como o meu sapato.”

Depois de ter jantado ontem um Eureka número 38, acompanhado de rúcula e das madalenas de Proust, pensei que uma vida que não passe pela acumulação obsessiva de papel traz as suas vantagens. A minha pneumologista, claro, concordou logo. As traças, já se sabe como são, fizeram cara feia. O carpinteiro meteu baixa e pensou em arranjar outra – vi-o ontem de mão dada a uma *TikToker*.

A Leroy Merlin foi à falência. As cinquenta canetas que tenho espalhadas pela casa meteram férias. A mochila relaxou as costuras. A mesa de cabeceira respirou de alívio. As prateleiras, já marrecas, respiraram. As paredes, já tortas, imbuíram-se pela primeira vez de esperança, julgando que talvez conseguissem aguentar a casa. O chão do prédio deixou de se dirigir ao núcleo interno da Terra. O carteiro chorou de alívio. O gajo da transportadora chorou porque foi logo despedido. O carteiro que se tinha demitido na semana anterior só para não ter de lidar com os livros que me trazia arrependeu-se: mais uma semana de tortura e não fazia agora fila no Centro de Emprego.

Uma decisão tão simples e tanta gente afetada.

E não-gente também. Isto de decidir entre o papel e o ecrã – esse que imita papel – tem destas coisas.

E ninguém me entenda mal. Os leitores tendem a ser fetichistas. Eu, que nunca tomei drogas, dei por mim a snifar papel e a chegar a um estado paredes-meias entre o entusiasmo inofensivo e a hiperestimulação.

E quando o pó me entrava pelas narinas, em vez de asma, eu tinha euforia e a ideia de que o mundo todo era possível. Não é coisa pouca, mas o estado de embriaguez livrista é semelhante ao das drogas: é que eu podia tudo, só não podia com tantos livros na lombar. Ora, se os leitores são fetichistas, os escritores sofrem de outro mal. Não confesso, porque não é confissão, só constatação: sou uma agarrada.

Agarro-me ao papel como a madeira num naufrágio, e agarro-me a uma ideia como se as coisas que invento fossem mudar o mundo. Não mudam nada, talvez só a mim, e só de vez em quando, mas a ilusão basta para se

continuar com a pressa. É um mundo quase inútil, mas dá vida interior, e uma vela a arder por dentro não vale dois tostões. O que o Burroughs retratou é outra coisa – e, sinceramente, antes os livros, mesmo com as dores de costas e as hérnias a chorar.

Há pouca coisa tão sexy – talvez nada – quanto uma sala forrada de livros. Também pouco sexy ao mesmo tempo – o pó acumulado pode dar tosse em hora imprópria. Mas, sobretudo, há uma sensação de

ia acabar com uma livraria na barriga. Papel passou a petisco. Que maravilha seria ter minipessoas de papel a entrar todos os dias pelo esófago para comprar mini-Steinbecks. Em vez de buscarem *A Pérola*, buscariam *A Perolazinha*. Na altura, claro, eu sabia lá quem era o Steinbeck. Talvez preferisse a Formiguinha. Mas a verdade é esta: fosse o passado a ideia de futuro que se vê nas distopias da Netflix, em vez de papel, haveria ecrãs, e eu faria lanches mais digestos. Já vamos em quantas vantagens?

E todas para o corpo, que não é coisa pouca.

Enfim, aprende-se muito com a vida. Soa a velho

dizê-lo, mas os

Por Ana Bárbara
Pedrosa

Corcunda de Notre-Dame

calor ao ver a literatura toda à volta.

O passado ali inteiro à distância de um braço, o presente ali redondo à distância de uma mão. Mas, com o passar do tempo e as responsabilidades acrescidas, tenho vindo a aperceber-me de que tudo isto tem o seu revés. Sempre achei bela a ideia de criar uma família entre livros. Os meus dois filhos no berço e milhares de lombadas à volta. Era bonito (os primeiros mais do que as segundas). Os bebés começavam a ver a vida e, antes de verem a mãe, viam os livros. A mãe sempre os quis orientar para o sítio certo. Mas entretanto um deles começou a gatinhar, e é coisa bela até deixar de o ser. Grande escritor da sua geração, em frente à impávida grande escritora da sua geração, lá gatinha o David para os livros mais próximos do sofá. A mão é sempre cirúrgica, e assusta-me sempre: no meio de milhares de livros, ele escolhe sempre pegar no *When Kids Kill*. A Maria prefere os livros da mãe, e devorou o último como se o papel fosse coisa para comer.

Não acabámos nas urgências porque lho tirei a tempo. Os amantes do digital olharão para isto de soslaio: talvez um *kindle* seja mais à prova de crianças. Em miudinha, também eu tentava comer papel, isto antes de devorar romances. Na pré-primária, a educadora julgava que alertava, mas dava-me esperança. Dizia-me que, se continuasse a comer papel,

velhos ensinam muito – sabem que peso em cima dos discos da coluna os deixa partidos numa cama. É problema que tem quem se estafa num campo ou numa tarefa mecânica, repetida, e é problema que tem quem carrega mundos inteiros às costas, ainda que mascarados de papel. Volvidos os anos, acumulado o pó, lá se vai vendo se há vantagens em viver de outra maneira. Claro que não dá para se ser minimalista, que isso implica escolher Eça e abdicar de Herculano, ou ficar com o segundo em detrimento do primeiro, e na leitura ninguém aceita passar ao lado de um monumento a sério – implica perder uma forma de ver o mundo, e deixar de entrar noutras cabeças, e não poder ser outras pessoas. Ainda assim, talvez – e lá estou eu a comer outro sapato –, de vez em quando, quem sabe, se possa deixar de lado o impulso fetichista de juntar uma lombada a outra. Não há casa que aguente – nem lombo humano. Precisaré sempre de um romance nas mãos, já que lê-lo num ecrã é para mim como comer no McDonald's de faca e garfo – come-se menos e sem sujar as mãos. Mas, sei lá, da minha parte, não é preciso mandar uma árvore abaixo para se fazer um guia maleável de ornitologia em Pequim ou as 100 melhores receitas para a *airfryer*...

A AUTORA

Laureada com o Prêmio Nobel da Literatura em 2024, Han Kang foi a primeira autora sul-coreana a receber o mais prestigiado galardão literário do mundo. Nascida em 1970 no sul do país, em Gwangju, estudou literatura na Universidade de Yonsei e vive atualmente em Seul, onde se dedica exclusivamente à escrita. Começou a sua carreira literária como poetisa em 1993, tendo vencido no ano seguinte o concurso literário Seoul Shinmun Spring com o seu primeiro romance, *Red Anchor*. Tornou-se reconhecida internacionalmente em 2007, quando a tradução para inglês de **A Vegetariana** recebeu o International Booker Prize. Em português, para além deste último, estão também publicados os seus livros **Atos Humanos** (2017), **O Livro Branco** (2019) e **Lições de Grego** (2023). Em 2019, Han Kang foi a quinta autora a ser selecionada para o projeto Future Library, na Noruega, o que significa que o seu texto «*Dear Son, My Beloved*» será mantido na Biblioteca Deichman, em Oslo, até 2114, ano em que será finalmente publicado. O seu romance mais recente, ainda sem título no nosso país, chamar-se-á, em inglês, *We Do Not Part*, estando, segundo a própria autora, diretamente relacionado com *Atos Humanos*, já que tal como este recupera um capítulo da História coreana enterrado há décadas, trazendo para a luz as vozes perdidas do passado.

Relativamente aos motivos que estiveram na base para a atribuição do Nobel, a Academia Sueca destacou a «sua intensa prosa poética, que confronta traumas históricos e expõe a fragilidade da vida humana», mas a verdade é que, tal como outras grandes obras da literatura, os seus livros desafiam descrições ou comentários breves. Centram-se em algo que parece escapar às palavras, estar para além delas, dando voz ao indizível e confrontando-nos com a própria natureza humana.

OS LIVROS

A Vegetariana

Aquele que é provavelmente o livro mais convencional da autora é, ainda assim, um romance estranho e brutal, que deixa o leitor desconfortável, mas ao mesmo tempo irremediavelmente seduzido pela história, da primeira à última página. Tudo começa quando Yeong-hye, uma mulher banal, nem bonita nem feia, nem alta

nem baixa e de personalidade passiva, deixa de comer carne. Quando o marido, os pais e irmãos estranham este comportamento, tudo o que Yeong-hye consegue dizer é que teve um sonho. Nesse sonho, vê-se a si própria numa casa vermelha, semelhante a um celeiro. Lá dentro, há apenas uma longa vara de bambu com pedaços de carne vermelhos, a escorrer sangue. Depois disso, Yeong-hye não se torna apenas vegetariana: quase não dorme, pouco fala, evita ter sexo, porque não consegue suportar o cheiro a carne do corpo do marido, e come cada vez menos, assumindo com o tempo um aspeto pouco saudável e humano. O enredo vai progredindo através das diferentes perspetivas das personagens que cercam a protagonista: o marido egoísta, que vê neste comportamento da mulher um transtorno à sua rotina e ambições; o cunhado, um artista que fica obcecado, de uma forma simultaneamente estética e sexual, com a transformação física de



Por Patrícia Freitas

especial violência a região sul, particularmente a cidade de Gwangju, onde Han Kang nasceu e cresceu. Durante muito tempo, o Governo encobriu os detalhes e as estatísticas

mais as hipóteses de poderem vir a ser reconhecidos e enterrados de forma digna. No centro da história está Dong-ho, um rapaz de 15 anos que não desiste de tentar encontrar o seu amigo desaparecido, Jeong-dae. Os dois caminhavam juntos, quando o som de disparos de militares provocou o caos, e, no meio da confusão, Dong-ho soltou a

Yeong-hye; e a sua irmã, que, apesar de ser aquela cuja vida é mais afetada pela transformação de Yeong-hye, é a única que se preocupa realmente com ela. Extremamente original, *A Vegetariana* é também um livro muito duro, acerca do

desta repressão, e só em 1997 é que o massacre de Gwangju foi oficialmente reconhecido como tal, sendo que o número total de mortos ainda não é consensual. Quando, em 2013, a filha de Park Chung-hee assumiu a presidência do país, este acontecimento reabriu feridas antigas

o amigo e fugiu, para se proteger. A história vai assumindo diversas perspectivas: a do próprio Dong-ho, que se culpabiliza por ter deixado o amigo para trás e porque sabe, que, mesmo que nesse dia fossem a sua mãe, o pai ou irmão a estar no lugar de Jeong-dae, ele teria igualmente fugido, abandonando-os à sua sorte; a de um jovem que apodrece ao sol da manhã, num amontoado de muitos corpos atingidos fatalmente pelos militares; a de um antigo prisioneiro que é levado a visitar as memórias da tortura a que foi submetido, em benefício da tese académica de um professor universitário; a do irmão já adulto de Dong-ho, anos depois destes incidentes; e a da própria autora, cujo pai foi professor de alguns dos adolescentes desaparecidos durante o massacre.

Prémio Nobel da Literatura 2024: A voz da indizível

estatuto da mulher coreana e das regras implícitas que regem a sociedade.

Atos Humanos

Em 1980, Park Chung-hee, o militar no poder na Coreia do Sul há quase vinte anos, foi morto por um membro dos seus próprios serviços secretos. O seu assassinato, no entanto, não pôs fim à ditadura: sob o pretexto de que as manifestações e revoltas da população resultariam de uma conspiração comunista orquestrada pela Coreia do Norte, o seu sucessor estendeu a lei marcial a todo o país, reprimindo com



que nunca tinham chegado a cicatrizar, levando a autora a confrontar-se com este passado doloroso. Mas se a maioria dos livros e filmes acerca deste período negro da História da Coreia do Sul parte do contexto político, Han Kang começa o seu livro com cadáveres. Cadáveres amontoados em ginásios, porque a capacidade das morgues foi há muito ultrapassada; cadáveres sujeitos a tal violência que os familiares dos mortos são obrigados a identificá-los através da roupa e da marca dos sapatos; cadáveres que vão inchando, à medida que apodrecem, diminuindo ainda

Atos Humanos é um livro fortíssimo e desconfortavelmente atual sobre a guerra, a ambivalência da natureza humana e sobre os atos de que todos somos capazes, dos mais cruéis aos mais sublimes.

O Livro Branco

Espécie de ensaio autobiográfico e experimental, *O Livro Branco* começa com uma lista de coisas aparentemente banais: sal, neve, gelo, lua, arroz, papel, etc. Cada capítulo parte de algo branco, mas esta espécie de meditação sobre a cor depressa dá lugar a reflexões e memórias pessoais da autora que vão muito para além disso: os cristais de floco de neve sobre um casaco preto; um seixo encontrado na praia que poderia representar o silêncio condensado num objeto; o cão branco que teve em criança; as cinzas da mãe, depositadas no ossário de um templo com vista para o mar; o leite materno; e, sobretudo, a cor das faixas em que a mãe da autora embrulhou a primeira filha, uma bebé «branca como um bolo de arroz em forma de meia-lua», que nasceu prematura e morreu apenas duas horas depois. Este livro resultou de uma residência literária de Han Kang em Varsóvia, onde o facto de estar num lugar que lhe é estranho parece ter trazido à superfície memórias dolorosas, a que não será alheio, como a própria autora sugere, o facto de esta cidade ser até hoje profundamente marcada pela violência da Segunda Guerra: a partir de outubro de 1944 e em apenas seis meses, 95% da sua



população foi dizimada. Não existe nada em Varsóvia com mais de setenta anos, e mesmo o que parece antigo foi reconstruído com base em fotografias e mapas. Tudo isto recorda a Han Kang o facto de ela própria ter nascido e crescido no lugar da morte da irmã, que assim, de certa forma, desapareceu e foi depois dolorosamente reconstruída, tal como esta cidade. Através de um processo de escrita regenerador, que é, nas palavras da autora, «como uma pomada branca espalhada sobre um inchaço, ou como uma gaze protegendo uma ferida», *O Livro Branco* leva-nos a espreitar o coração das palavras.

Lições de Grego

O último romance de Han Kang a ser publicado em Portugal é acerca de duas personagens em dificuldade: um professor de grego que, à semelhança de Borges, está a ficar cego, e uma mulher que decide frequentar as suas aulas porque está a perder a capacidade da linguagem. Para além da privação progressiva e irreversível da visão, prognosticada há muito por um médico, o professor está também dividido entre duas línguas e duas culturas: a Coreia do Sul, a sua terra natal, e a Alemanha, onde viveu durante anos e onde estão ainda a sua família, incluindo a irmã, e o seu primeiro amor. Já a sua aluna sofreu uma sequência terrível de perdas: a mãe, que morreu há seis meses; a custódia do filho de 8 anos, que vive agora com o ex-marido; e agora a linguagem,



pela segunda vez na vida. Aos 16 anos, esta mulher tinha já passado por algo semelhante: de um momento para o outro, viu-se mergulhada no silêncio, pensando e compreendendo sem linguagem, como antes de aprender a falar. Nessa época, foi uma palavra em francês, uma língua estrangeira que começara então a aprender, que lhe permitiu recuperar a linguagem, por isso agora decide estudar grego, cuja escrita que lhe é completamente desconhecida, tentando replicar esse primeiro processo de cura. Triste e terno, *Lições de Grego* é um romance acerca das circunstâncias que podem unir dois estranhos aparentemente sem nada em comum, uma reflexão sobre essa coisa estranha que é a linguagem, fazendo-nos questionar a verdadeira natureza de algo mais estranho e insondável ainda: a intimidade.

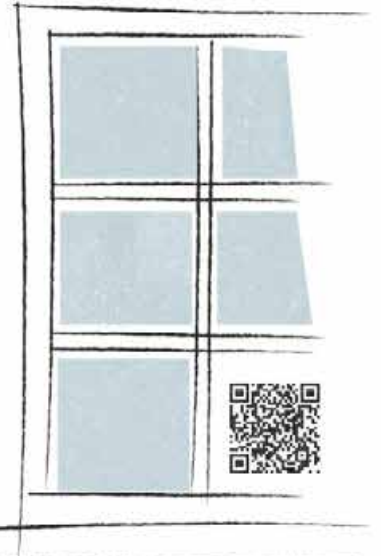


Nunca
aceites menos
do que
Mereces

★
O NOVO ROMANCE DE
RAUL MINH'ALMA



D. Maria Fernanda de Vasconcellos e a maravilha do Señor Alvarez Gómez



Por Rui Couceiro

Escritor e editor



É em demasia o tempo decorrido desde que, pela última vez, compareceu por estas ruas o motivo que nos fazia lembrarmo-nos dela com frequência e, digamos assim, intensidade. Também quando morreu não foi recordada, e isso sucedeu por impor em demasia a presença dela. Talvez isto pareça confuso, mas, na verdade, é fácil de explicar. A Sra. D. Maria Fernanda de Vasconcellos morava no mesmo prédio que vejo da janela quando acabo de comer a torrada e de beber o café com leite, ou ao arrumar a casa, após o almoço, que tento que nunca seja igual, ou a meio da tarde, quando me canso da televisão, e até antes de jantar, enquanto aqueço a sopa, e é por isso que agora a recordo. Ocupava, por inteiro, o último piso, mais as águas-furtadas, onde tinha montado um ateliê, com vistas amplas sobre a cidade, no qual pintava telas a óleo. Daquela casa, fizeram dois TO+1 duplex, criações estranhas dos tempos que correm. Ninguém sabia, ao certo, por que motivos ali tinha ido parar, em meados dos anos 90. Ela também não explicava, não se dava muito a conversas, mas, quando passava, toda a gente era de imediato informada.

Durante anos, eram conhecidas as *eau de parfum* e as *eau de toilette* com que abundantemente se banhava. A D. Maria Fernanda dizia: eu adoro cheirar bem. E, perante tal dito, nós achávamos que ela supunha que nós não nos importássemos de não cheirar bem, ou, pior ainda, que considerava que cheirávamos mal. Em casa, na qual só por uma vez entrei, sentia-se uma mistura tão extrema de aromas – a *eau de parfum*, a incenso, a flores secas, a ambientadores de vários tipos, intensidades e fragrâncias –, que o nosso olfato se confundia e creio que outros sentidos também, dado que saí de lá com os olhos a arder e com uma ligeira tontura. Do passado de Maria Fernanda de Vasconcellos, pouco se sabia. Havia quem dissesse que tinha deixado o marido e os filhos em Lisboa, nos anos 60, e fugido para Paris com um amante, um rico industrial portuense, que depois morrera e nada lhe deixara além daquele último andar numa viela torta e estreita de Cedofeita, um choque desmedido para uma senhora habituada a passear pelos mais distintos e desafogados *boulevards* da capital francesa. Também se contava que tinha um evidente perfil licenciado, mas a mim, e sendo honesto, pouco me interessa que fantasmas pudesse receber a coberto da noite, ou que senhores eventualmente visitasse, quando a víamos subir, de tacões, toda lampeira, insultando a miserável e ignóbil calçada de feição medieval, em direção ao táxi do Quim Trambolho. Nos últimos anos, passou a usar apenas *eau de cologne*, dizia que lhe reacendia as fugidias memórias



da infância. A minha falecida garantia-me que era porque os rendimentos lhe haviam mirrado como as carnes; os amigos abastados já tinham morrido e o que sobrara da mulher majestosa que fora não tinha serventia sequer como simples companhia para homens mais novos; pensas que algum homem novo quer uma mulher assim, como ela ou como eu? Fosse por que motivo fosse, da poupança a razões sentimentais, a D. Maria Fernanda não vivia sem águas-de-colónia. Sabendo do meu desporto de reformado, que é o que eu chamava aos passeios que dava pela cidade, pedia-me que lhe comprasse as águas-de-colónia, e em troca oferecia-me telas, que guardo com carinho, embrulhadas em papel pardo, embora eu lhe dissesse que as tinha expostas na sala, sempre temendo que me pedisse para as ir ver. Para minha grande fortuna, ficou-se sempre por um cordato ter a minha arte a figurar na sua casa deixa-me muito honrada, Sr. Coutinho. Do supermercado, eu trazia-lhe umas embalagens grandes, quase de litro, como aquelas em que se vende o gel de banho, de Heno de Pravia Original. Numa drogaria da Rua Chã, comprava-lhe os icónicos frascos verdes, muito bonitos, produzidos pela Vista Alegre, com uma tampinha bege de rosca, da Ach Brito, com aroma a lavanda, e que descobri que contém também eucalipto, alecrim, laranja, patchouli, almíscar, entre outras notas, que fazem daquela alquimia olfativa a minha favorita.

A uma casa antiga do Bolhão eu ia comprar ainda a preferida da D. Maria Fernanda: a água-de-colónia Alvarez Gómez, de Madrid, vendida numa caixa em que predomina o amarelo, com uma moldurinha branca,

representações de plantas a azul e letras vermelhas. A garrafa, que mais parecia de gin Gordons, é transparente e repete no rótulo as cores que referi atrás. A D. Maria Fernanda gastava esta *eau de cologne* em um terço do tempo que demorava a consumir as outras. Abria o frasco, despejava o líquido abundantemente nas mãos, enquanto dizia é assim que se faz, é assim que se faz. E eu, já viúvo, ficava a vê-la espalhá-lo pelo pescoço, pelos braços, aplicá-lo atrás das orelhas, nos pulsos e cheguei até a vê-la a erguer as saias e a esfregá-lo nos tornozelos, nos gêmeos e atrás dos joelhos, além de, no final deste ritual, enfiar as mãos por debaixo da blusa e, sem sombra de dúvidas, dentro do *soutien*, em movimentos circulares, e ainda – isto é verdade – por entre a pele do ventre e a cinta das saias que sempre usava, para levar a maravilha do Señor Alvarez Gómez sabe-se lá a que destinos, e repetindo o movimento, por fim, com a mão a descer pelo fundo das costas, até à única profundidade que faltava perfumar.



Rodrigo G

Entrevista

Rodrigo Guedes de Carvalho é um contador de histórias com uma voz única e marcante. Escritor e jornalista premiado, tem o raro talento de captar a essência das emoções humanas, mergulhando em temas profundos como a perda, o amor e a fragilidade das relações familiares. O seu mais recente romance, *Matarás Um Culpado e Dois Inocentes*, traz-nos o desfecho, muito aguardado, de *As Cinco Mães de Serafim*. Navegando entre o presente, a História e o realismo mágico, o autor vai desvendando os duros segredos que uma família guarda há meio século, num enredo que se impõe por si mesmo. Desde a sua estreia literária, em 1992, com *Daqui a Nada*, Guedes de Carvalho desafia os leitores a confrontarem o lado mais sombrio e, ao mesmo tempo, mais humano das suas vidas, entrelaçando o quotidiano e a ficção. E só gosta de acompanhar uma personagem se ela mantiver essa característica tão humana que é ser imprevisível, até perante ela própria. Prepare-se para conhecer o autor para quem a literatura é uma dádiva imensa, um farol de esperança, mesmo quando ilumina grandes tragédias, e um recurso precioso na sua busca por serenidade.

Por Vera Dantas

Carv

ue des

e

valho



Antes de te tornares jornalista, já eras escritor.

Quando começaste a tua entrega à escrita?

Comecei por ser um leitor voraz. Ainda muito novo, apaixonei-me pela capacidade que a escrita tem de nos fazer viajar, até que quis, também, escrever e levar outros a lerem. Então, lancei-me o desafio de tentar montar um romance, aos 18 anos. *Daqui a Nada* foi, basicamente, uma espécie de teste, para ver se conseguia contar uma história, de forma bonita, com princípio, meio e fim, mantendo as pessoas interessadas. E é por isso que, apesar de muito ficcionado, o livro é baseado na história dos meus pais – o meu pai, que era médico, foi chamado para Angola, enquanto a minha mãe ficou cá. Parti desse pequeno universo que conhecia para tentar construir um romance.

Entre a leitura e a escrita, o que te dá a literatura?

A literatura dá, sobretudo, um enorme mundo. Os livros oferecem uma riqueza imensa porque estamos em silêncio, a sós com as palavras e com o peso delas. Quando lemos um bom livro, também enriquecemos o nosso vocabulário, e eu noto essa carência nos jovens, hoje em dia. Além disso, a grande literatura é sempre esperançosa. Penso que a maior parte dos escritores, mesmo ao escreverem grandes tragédias ou dramas profundos, estão sempre a lutar contra eles. Há uma melancolia, mas também uma vontade de apresentar um mundo que não deveria ser assim ou que devemos combater.



Teres lido grandes romances, como *Servidão Humana*, ainda na adolescência, trouxe-te uma visão mais consciente do mundo?

Sim, embora eu não o percebesse na altura. Para o bem e para o mal, quando somos muito jovens, temos uma capacidade extraordinária de reter coisas, incluindo do ponto de vista intelectual e sensorial, embora não tenhamos ainda a maturidade para entender o que nos está a acontecer.

Os teus livros retratam relações familiares complexas e traumas emocionais fortes. O que te fascina neste tema?

Dentro das relações humanas, a família, com toda a sua convenção, tradição e composição, é particularmente interessante, porque não podemos escolher a família onde nascemos, e temos de viver com isso, o que nem sempre é bom ou pacífico. Por outro lado, os amigos, especialmente à medida que avançamos na vida, vão-se tornando uma espécie de família escolhida. Em criança, quando era filho e neto único, não me restava outra atividade senão observar os adultos, e comecei a perceber que, nas suas relações, havia idiossincrasias, contradições... O meu fascínio pelas pessoas surgiu logo nessa altura.

As personagens, força motriz dos teus enredos, são o primeiro elemento que defines, ao lançares-te num novo romance?

Sim, sem dúvida, pois não escrevo por temas. No caso de *Margarida Espantada*, a personagem principal tinha características que as pessoas associaram à doença mental, mas não era esse o tema central do livro. O que me move são as personagens, devido à minha paixão por pessoas. Quando escrevo um livro, moldo uma ou duas personagens principais e, a partir daí, a trama começa a tomar forma, mesmo antes de chegar às personagens satélite.

O teu processo criativo na escrita segue um padrão, até por questões de tempo, ou foi mudando ao longo dos anos? É verdade que escreves o fim das tuas histórias antes da escrita?

Aconteceu-me com *O Pianista de Hotel* – apareceu-me a cena final, que não só era boa para terminar como cria um anticlímax – e, desde então, isso

tem-me sido útil. Um romance, sendo uma estrutura complicada, é como construir uma ponte. Gosto que as coisas encaixem bem, para que o leitor não se sinta perdido, mas sempre confortável – como num bom filme –, dentro da ação que estou a propor. Quando comecei a escrever *O Pianista de Hotel*, percebi que era um escritor diferente daquele que tinha abandonado a escrita dez anos antes, em 2007 (com *O Canário*), devido ao meu trabalho na SIC. Agora, escrevo o final e, em seguida, desenvolvo o que acontece entre o que já criei e o desfecho, garantindo uma ligação sólida que mantenha o interesse até lá. Para mim, enquanto leitor, é mais importante aquele momento em que fecho o livro e digo «caramba, estou comovido!» ou dou uma gargalhada.

Quando escreveste *As Cinco Mães de Serafim*, já planeavas dar continuidade à história?

Não. Eu queria fazer uma história de irmãs mais velhas de um rapaz, e isso levou-me para o imaginário de *As Virgens Suicidas*, o filme da Sofia Coppola – baseado num romance do Jeffrey Eugenides, absolutamente desconcertante –, sobre quatro adolescentes norte-americanas dos subúrbios que fazem um pacto de suicídio, e a ideia foi crescendo. Gosto, enquanto espectador e escritor, de livros que não me entreguem tudo. O que se passou com *As Cinco Mães de Serafim* é que o final é demasiado aberto, como se eu quisesse abrir uma pequena frincha – e os leitores também me transmitiam essa sensação no seu *feedback*. Eu próprio não tinha fechado a história na minha cabeça. Além do *timing* para dar a continuidade à trama enquanto ainda estivesse fresca na memória dos leitores, enfrentei o desafio criativo de fazer uma sequela que conseguisse situar quem não leu o primeiro livro, mas com arte suficiente para não maçar quem já leu.

O que torna os segredos tão importantes nas narrativas familiares?

São ironias da vida, porque agora, aos 60 anos, estou a viver alguns enredos familiares muito curiosos. As pessoas guardam coisas durante muito tempo. Os segredos e as mentiras nascem das camadas de gerações. É normal que os pais, achando que os filhos não estão preparados, guardem certos segredos. É um ciclo contínuo de revelações e descobertas.

Intercalas o enredo de *Matarás Um Culpado e Dois Inocentes* com eventos trágicos da atualidade.

O que procuras com essa abordagem?

É uma abordagem que provoca reflexão sobre como a ficção pode servir de espelho para a realidade, mesmo que as experiências da personagem não reflitam diretamente as nossas. As histórias dos meus livros passam-se no ano em que são lançados, e isso torna a identificação com o leitor mais rápida. Colocar eventos reais em contextos fictícios é uma forma de manter a contemporaneidade e de criar uma camada de veracidade que pode intensificar a experiência de leitura.

Neste livro, a mãe de Miguel Serafim, mulher forte e manipuladora, consegue surpreender-nos ainda mais com a sua refinada frieza e crueldade...

Só gosto de acompanhar uma personagem se, de alguma forma, ela mantiver essa característica tão humana que é ser imprevisível, até perante ela própria. Uma das coisas mais curiosas do ser humano é ele próprio não se conhecer. Nós achamos que reagiremos da forma X ao acontecimento Y e, quando ele surge, afinal não sabemos, não nos conhecemos realmente. As pessoas são feitas de características boas e más, manipuladoras e egoístas, e isso não tem nem idade nem género. Esta mãe, que já vem de *As Cinco Mães de Serafim*, é uma personagem de peso, nesse aspeto. Ela vai a torturas emocionais que não atribuiríamos a uma velhinha, não é? Portanto, há um leque enorme de possibilidades.



O tema da morte aparece neste e noutros livros teus não apenas como um fim físico, mas também como um processo contínuo de perda emocional ou existencial. É um tema unificador do ponto de vista humano?

É, necessariamente, porque a morte é para onde todos caminhamos. Neste livro, voltei a uma frase de que gosto imenso do Vergílio Ferreira: «O maior mistério da morte é que só o podemos saber quando já não o podemos saber.» Toda a nossa vida, de alguma forma, é uma reação a vivermos com essa espada na cabeça. Uns escolhem alienar-se completamente, outros optam por tê-lo presente, vivendo o dia a dia até que o momento chegue. Mas é, obviamente, algo que dita a nossa forma de estar e a nossa sede de amar. Quem nos garante que teríamos essa sede, essa necessidade de ternura, de companheirismo, se fôssemos eternos? A forma como a morte opera sobre as pessoas é absolutamente fascinante. E os escritores, de alguma forma, vão lutando contra essa ideia, refletindo constantemente sobre ela. Toda a riqueza da nossa vida, o que vimos, experimentamos, sentimos, vivemos e tocamos acaba. Essa angústia é apaixonante.

Como surgiu o título *Matarás um Culpado e Dois Inocentes*?

Eu gosto de títulos que inquietam e despertam curiosidade. Existe uma série de situações nos emaranhados desta história em que, de facto, há sempre uma proporção de um culpado e dois inocentes. Foi um título que nasceu da ideia de que as vinganças desesperadas, como o disparar indiscriminadamente, levam sempre a este resultado, muito interessante do ponto de vista dramático.

«Os livros oferecem uma riqueza imensa porque estamos em silêncio, a sós com as palavras e com o peso delas.»

Sentes que já alcançaste a frase perfeita?

A frase perfeita não só não existe como, se tudo correr bem, todos os escritores terminarão a vida à procura dela. Preciso de escrever para me pacificar, mas o ato de escrever é sempre um ato falhado, porque há uma grande diferença entre como imaginamos a frase ou o capítulo e o que realmente conseguimos transmitir. Por isso é tão feliz aquele momento em que ficamos muito contentes com um capítulo ou uma frase.

A frase perfeita no sentido estético ou da sua relação com o livro, para mim, é a do início de *Crónica de uma Morte Anunciada*: «No dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar levantou-se às 5:30 da manhã [...]». Graças à sua mestria, García Márquez leva-nos a acompanhar aquela história e a desejar, durante o livro, que Nasar, afinal, não morra.

Qual foi o livro mais desafiador que já escreveste?

Mulher em Branco, o meu terceiro livro. Hoje olho para ele e gosto do livro, mas na altura fiz algo que não devia ter feito, que foi uma escrita mais difícil, mais literária, pois parecia que eu precisava, com aquela idade, de obter uma validação de uma certa intelectualidade. Foi um livro muito cerebral, muito pensado, e provavelmente não voltaria a fazê-lo assim.

O teu projeto favorito é sempre o próximo?

E qual o livro que te deu mais prazer escrever?

A ideia de que quero continuar e de que voltarei a escrever é muito animadora, até do ponto de vista do bem-estar psicológico, pois sou muito feliz no ato de cumprir a minha relação com a escrita. E há coisas que eu não explorei ainda, não cheguei ao máximo das minhas potencialidades. Mas o livro que me deu mais prazer escrever talvez tenha sido *O Pianista de Hotel*, porque, depois de dez anos de intervalo, nem sequer pensei que ia voltar ao romance. Sentei-me, comecei a escrever e, quando dei por mim, estava num processo de felicidade – e encontrei uma forma de escrever diferente, como narrador onisciente.

És a voz dos teus livros. Descobres novas musicalidades e sentidos ao lê-los?

Sim e não. Não, porque a estética é uma coisa em que estou sempre a pensar – o comprimento da frase, a palavra escolhida fazem sempre



parte de uma musicalidade.

Quando leio o audiolivro, o que faço é reencontrá-la. O audiolivro é muito estimulante, porque permite descobrir ritmos e tons que não tínhamos notado. No meu caso, só concebo

ser eu a ler os meus audiolivros, por razões de autoria e porque sei como devem ser lidos.

Há algo que os leitores te tenham dito que te tenha marcado especialmente?

Não tenho conta para a qualidade dos elogios, porque recebo muitas mensagens em que as pessoas me dão o gosto de não só dizerem que gostaram, mas também porquê. E é muito engraçado verificar que a grande maioria das emoções ou dos pensamentos que eu queria transmitir às pessoas, foi o que elas sentiram. Sei que aqueles que são leitores da minha obra encontram ali um universo com o qual se podem relacionar. Para alguém que está a tentar comunicar, como eu estou, encontrar o recetor é maravilhoso. E a literatura permite que duas pessoas que nunca se viram na vida e que provavelmente nunca se irão ver tenham ali um intenso diálogo de vida.

O que te faz feliz?

Faz-me feliz a serenidade, e tudo o que faço na vida é para chegar a esse sentimento. A serenidade não é necessariamente uma acalmia ou uma apatia, é um estado de calma.

Pratico exercício porque o sentimento, quando acabo, é de serenidade. Ao contrário de muita gente numa sociedade que defende a preguiça, gosto de trabalhar, tenho brio em trabalhar. E, portanto, quando me entrego ao meu trabalho, seja na escrita seja no jornalismo, e consigo fazê-lo bem, isso dá-me uma sensação de serenidade. Perceber de que forma é que as pessoas que eu amo querem ser amadas e corresponder a isso, provoca-me também serenidade. A minha felicidade está ligada a esta ideia.

Juan Cavia

uma breve biografia

Gostou tanto como nós da capa desta revista? Envolta numa brisa outonal com remiscências do Oriente, Han Kang, Nobel da Literatura 2024, ganha vida numa ilustração que Juan Cavia criou, gentilmente, a nosso convite. Se ainda não o conhece, está na hora de se encantar com a sua arte. Juan Cavia nasceu em 1984, em Buenos Aires. Formado em realização cinematográfica e versado em desenho e pintura, com apenas 21 anos iniciou o seu percurso como diretor de arte. Participou na criação de anúncios, séries televisivas, videocliques e teatro, e assumiu a direção de arte e a cenografia de dez longas-metragens, destacando-se *O Segredo dos Seus Olhos*, de J. Campanella (vencedor de um Óscar em 2010). Paralelamente, é ilustrador de banda desenhada, ao lado do músico Filipe Melo, com quem criou sete romances gráficos, publicados na Europa, América e Ásia. As suas obras, profusamente premiadas, têm um estilo único que reflete a química criativa fulgorante desta dupla, capaz de explorar e surpreender em diferentes géneros e atmosferas. Um deleite sensorial que lhe apresentamos, livro a livro.



Por Vera Dantas

Os Vampiros (2016) – Um romance gráfico com uma história sombria e introspetiva sobre a guerra colonial portuguesa. Cavia cria um ambiente visual mais realista, tenso e melancólico, explorando os horrores da guerra e as suas consequências psicológicas.

Comer e Beber (2017) – Em plena II Guerra Mundial, Franz Majowski esconde uma garrafa de champanhe no seu restaurante em Berlim. Na década de 80, Lloyd Jenkins percorre o interior da América em busca de uma tarte de maçã. Uma narrativa real, outra imaginada, que exulta a relação entre paladar e memória.

Balada para Sophie (2020) – Esta obra belíssima e aclamada acompanha a vida do grande pianista Julien Dubois, agora reformado e solitário. Entre a realidade e a fantasia, Julien compõe uma confissão complexa e comovente sobre o custo do sucesso, a rivalidade, a redenção e pianos voadores.

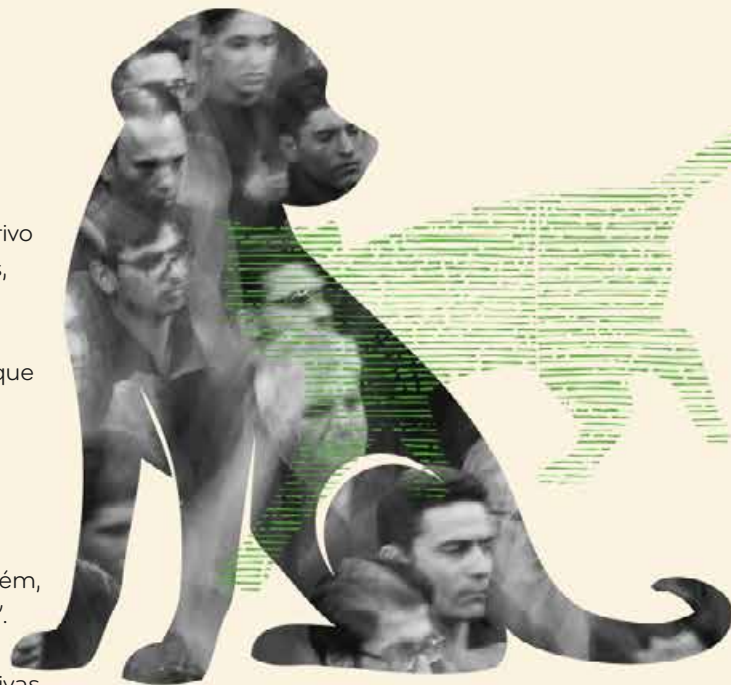
As Incríveis Aventuras de Dog Mendonça e Pizzaboy (2010) – Com humor, horror e elementos sobrenaturais, este é o início de uma trilogia protagonizada por um lobisomem, um entregador de pizzas, um velho demónio e a cabeça de uma gárgula. A arte de Cavia complementa o tom leve e divertido de Melo e cria momentos de ação intensa. Em *Apocalipse* (2012), pragas de insetos, criaturas gigantes e hordas de demónios invadem a Terra, arrastando os heróis para uma aventura de proporções bíblicas. Por fim, em *Requiém* (2013), um velho inimigo vai infernizar a vida do detetive Dog Mendonça, numa épica história de amor, traição e aranhas gigantes.



Por Álvaro Curia

Atrás de um grande escritor há, normalmente, um grande... animal. Não usamos o substantivo com valor qualificativo do sujeito. Nada disso. Falamos de bichos, normalmente de quatro patas e peludos. Mas nem sempre. Charles Dickens, por exemplo, tinha um corvo chamado *Grip*, que foi inspiração para o pássaro do romance *Barnaby Rudge*, de 1841, e, mais tarde, influenciou Edgar Allan Poe na escrita do poema **O Corvo**.

Mas não são caso único. Vários escritores famosos, e hoje consagrados, eram também, como dizemos atualmente, "pais de pets". Estes amiguinhos influenciaram as suas obras, enriquecendo assim as suas narrativas com uma sensibilidade, diríamos, de outra espécie. Eram mais do que meros animais, tornando-se parte da vida dos escritores e das escritoras – a sua presença, sem dúvida, despertava um leque variado de emoções que transpareciam na escrita.



Virginia Woolf e Pinka

Virginia Woolf descansava um pouco das suas sucessivas crises depressivas quando estava com *Pinka*, a sua cadelinha mais conhecida, que chegou à vida da escritora em 1939 para aliviar um pouco o seu coração, depois da devastadora perda de *Grizzle*. Pinka tornou-se uma companheira próxima, acompanhando-a sempre e tendo o privilégio, inclusive, de ouvir algumas das suas famosas frases antes de todos, já que Virginia lia para ela em voz alta. "A minha pequena jóia", assim se referia Woolf à sua amiga patuda.

A escritora tem várias reflexões sobre a relação entre humanos e animais, mas é em ***Flush***, onde conta a vida de um cão sob a perspectiva do próprio animal, que Virginia revela uma compreensão íntima desse convívio entre cães e homens. *Flush*, cão de Elizabeth Barrett Browning, é um reflexo da sociedade vitoriana, e a sua experiência revela as tensões entre o mundo doméstico e a arte. A obra oferece uma crítica ao elitismo da época, mostrando como a percepção do animal traz à luz verdades ocultas. Woolf utiliza a voz de *Flush* para questionar normas sociais, transformando assim a vida de um cão num exame da própria condição humana, em que a lealdade e a sensibilidade perante o outro têm um papel central. Woolf, assim, eleva a experiência animal a uma reflexão sobre amor e identidade.

Os animais que os fazem humanos



Hemingway e os seis dedos felinos

Houve outros autores consagrados que tiveram também uma relação especial com os seus animais de estimação.

Ernest Hemingway, por exemplo, tinha uma profunda ligação com o seu gato polidáctilo. Traduzindo, um especial felino com seis dedos. Esses animais, com quem convivia diariamente, inspiraram passagens nas suas narrativas, espelhando sobretudo a sua própria independência e apego ao silêncio e à solidão.

Hoje, a fundação que preserva o legado do escritor, *The Ernest Hemingway Home and Museum*, alberga mais de 60 descendentes desse gato. Em **As Torrentes da Primavera seguido de Um Gato à Chuva e Outros Contos**, o autor descreve um dos seus gatos preferidos, destacando a presença desses animais como parte do seu quotidiano e fundamentais na sua criatividade. O conto *Um Gato à Chuva* explora a conexão entre o homem e o animal, revelando a sensibilidade de Hemingway na definição de um espaço só seu, de solidão, que se transformava, não poucas vezes, num isolamento patológico. Os animais, em Hemingway, simbolizam, muitas vezes, aspetos da própria vida do autor, transcendendo a afeição ou o papel de figurante na narrativa, para se tornarem elementos centrais, como acontece com o peixe indomável de *O Velho e o Mar*.

Steinbeck e Charley

Viagens com o Charley é uma obra que descreve a viagem de John Steinbeck pelos Estados Unidos ao lado do seu cão, *Charlie*, em 1960. O autor parte para uma autêntica epopeia pelo país que o moldou, refletindo sobretudo acerca das mudanças que vai encontrando e lidando com as desilusões que surgem desse sentimento de que nada é perene. A relação entre Steinbeck e *Charlie* é central, mostrando um companheirismo que transcende palavras. De facto, apenas um génio como Steinbeck poderia traduzir por escrito a amizade que existe entre um cão e seu amigo humano. *Charlie* representa lealdade e simplicidade, num mundo em transformação. Steinbeck utiliza essa viagem

para redescobrir
enquanto
diferenças
americana.
não é
um espelho

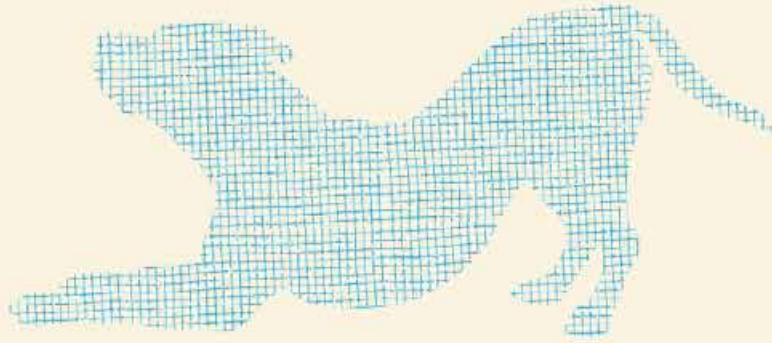
a sua identidade,
observa as
da sociedade
A presença de *Charlie*
apenas um alívio, mas
para as inquietações do
autor. A obra, assim, torna-se uma
meditação sobre o lar e a pertença, e *Charlie*,
a constância. Steinbeck transforma uma
viagem numa reflexão profunda sobre a vida.

Paul Auster e Timbuktu

Paul Auster, no romance **Timbuktu**, explora a visão do mundo através dos olhos de um cão vira-lata, *Mr. Bones*. O cão, leal ao seu companheiro humano errante e moribundo, oferece ao leitor uma perspetiva pura, ainda que desamparada, criando uma narrativa de afeto incondicional e perda. Auster capta com precisão a ligação profunda entre homem e animal, e como a ausência do dono afeta *Mr. Bones*.

Mas, antes de *Mr. Bones*, houve *Jack*. A família Auster estava decidida a comprar um cão, pois Sophie, a filha, há muito sonhava com um amigo peludo. Mesmo antes de empreenderem uma longa viagem até à Pensilvânia para comprarem um cão de raça especial, que não era grande de mais nem largava pelo, passaram por uma mulher, em Brooklyn, com um cão pela trela e um leiteiro: «Por favor, adotem-me. Preciso de um lar.» O cãozinho estava doente, muito magro e tinha um olhar tão triste que pai e filha não resistiram. *Jack* passou a ser parte da família. O patudo tinha sido resgatado de um ambiente de extrema violência e estava com tanto medo que só depois de várias semanas conseguiu aproximar-se de humanos. Auster refere que *Jack* não foi a inspiração, mas antes o trabalho de campo para **Timbuktu**: vendo-o todos os dias, o escritor aprendia muito sobre as particularidades dos canídeos, que depois usava para descrever os traços do carácter de *Mr. Bones*.





Beatrix Potter, ouriços e morcegos

Beatrix Potter, conhecida pelas suas obras infantis, tinha uma forte ligação com os animais que povoavam a sua imaginação e as suas histórias. Desde cedo, passava horas a observar e a desenhar coelhos, patos e esquilos, especialmente nas paisagens rurais da Escócia e do Lake District, na Cúmbria, Noroeste de Inglaterra. As suas personagens, como o **Pedro Coelho** e a Pata Jemima, refletem tanto o comportamento real dos animais quanto elementos fantásticos. Embora humanizados, os animais mantêm as suas características naturais, permitindo assim que os mais novinhos (e, porque não, os mais crescidos) encontrem neles determinados ensinamentos e as lições que normalmente encerram este tipo de histórias. Essa fusão entre Natureza e narrativa tornou estes contos verdadeiramente atemporais e apreciados por várias gerações. Potter crescera, com o irmão, rodeada de animais de estimação, alguns bastante peculiares, como ouriços e morcegos. Era a jovem Beatrix que tratava dos animais, levando-os consigo quando a família ia de férias. Por ser uma menina contemplativa e com apego ao seu próprio cantinho, tinha nos animais os melhores amigos. A sua compreensão e companhia são, sem dúvida, inestimáveis e ajudam-nos a superar as situações mais difíceis.

Franz Kafka e o cão-homem?

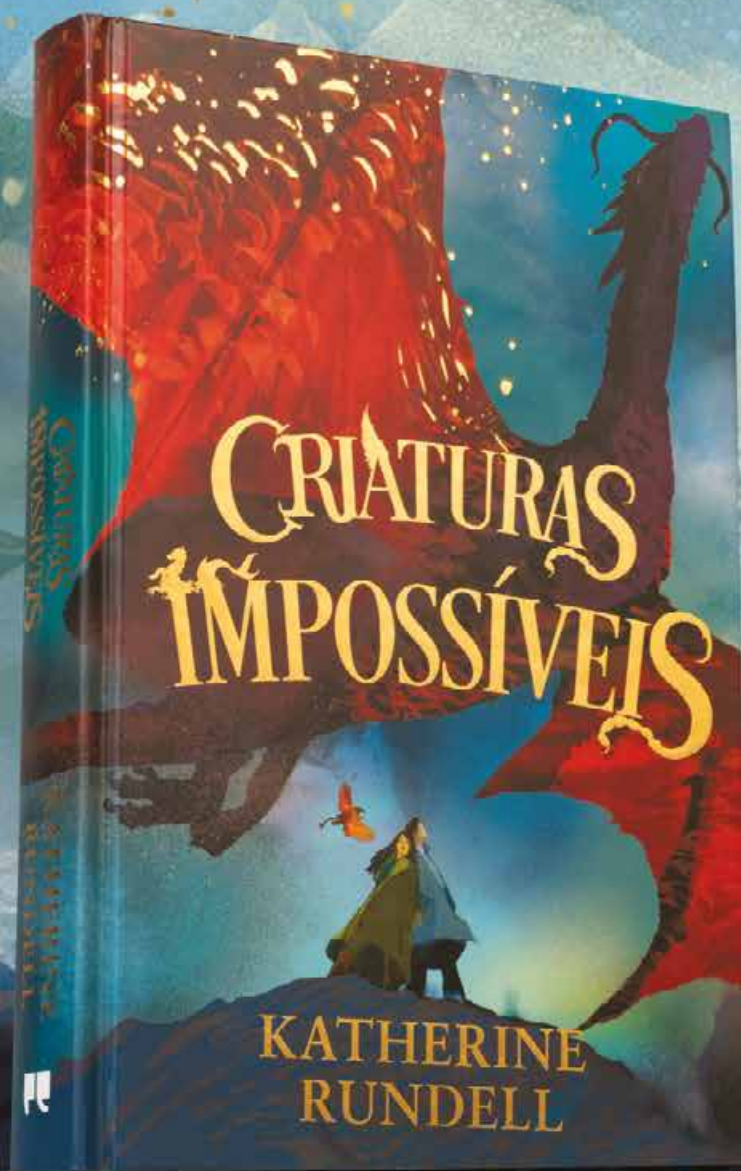
Numa história menos conhecida do que a da barata de **Metamorfose**, em **Investigations of a Dog**, de 1931, Kafka quer tentar conhecer o que vai dentro da cabeça de um cão, para assim expandir o próprio conhecimento dos limites da mente humana. Ainda que partindo de um cão, o conto é considerado um ensaio psicológico sobre a psique dos homens. O narrador anónimo, um inteligente

canídeo, relata uma série de episódios do seu passado, nos quais utilizou métodos quase científicos e racionais para resolver questões básicas da sua existência, que a maioria dos seus pares se contentava em deixar sem resposta, tais como: «De onde obtém a Terra o seu alimento?»

Através de macacos, toupeiras, ratos e outros animais, Kafka revela, nos seus livros, questões de identidade, alienação e a busca por sentido. Cada animal carrega simbolismos que questionam a condição humana, criando um universo onde o animal é um espelho das ansiedades dos homens, enfatizando a interconexão entre espécies. A obra do autor provoca reflexões sobre a solidão e a busca por compreensão num mundo cada vez mais apático. Com a sua genialidade, Kafka transforma a narrativa animal numa investigação profunda da própria natureza humana. Não lhe encontrámos o nome, mas houve um cão, na vida real de Kafka, que em 1910 mereceu as honras de aparecer ao seu lado numa fotografia. Seria a ele que se referia quando disse que «todo o conhecimento, a totalidade de todas as perguntas e respostas, está contido num cão»? A convivência com animais tem permitido aos escritores explorar temas como a empatia e a comunicação. Esses companheiros são, muitas vezes (e como deve ser, diríamos), tratados como membros da família, e essa relação influencia também a maneira como os autores exploram a complexidade emocional humana. Quando esses amigos desaparecem, a dor que deixam é tangível. Levam consigo mais do que lembranças, deixando um vazio que parece impossível de preencher. São companheiros que nunca pedem nada além de presença e por isso, quando partem, deixam cicatrizes invisíveis no coração. Seja o olhar final de *Mr. Bones* em **Timbuktu** ou os gatos de Hemingway que desapareciam pelos jardins, a ausência desses amigos marca o fim de uma relação baseada na mais pura forma de amor. É um adeus que muitos escritores, nas suas palavras ou no silêncio, nunca superaram.



Uma história fantástica para ler
num dia e adorar para sempre



«Houve Tolkien, há Pullman e agora Katherine Rundell.
Uma invenção maravilhosa, uma escrita maravilhosa.»

Michael Morpurgo

Adoles Cênfilas

de hoje



Nos anos 1980 comecei os meus estudos sobre a adolescência. Na época era um terreno só de pedopsiquiatras e de alguns psicólogos, porque os psiquiatras só se ocupavam dos adultos. Dizia-se que os jovens iam pouco às consultas e que temiam encontrar-se com crianças e bebés.

Os meus mestres da altura ensinavam sobretudo a relação dos mais novos com os pais, ao valorizarem as relações afetivas na família e a capacidade de os adolescentes fazerem o "luto da infância", como então se afirmava. Falava-se pouco da escola, embora os jovens passassem lá a maior parte do seu dia. No início dos anos 1990 passou a valorizar-se mais o contexto. Falou-se da escola, da televisão e do grupo de jovens, mas a grande revolução estava para chegar: a Internet.

Compara-se a influência da Internet ao impacto da imprensa escrita, com a prensa de Gutemberg no século XV, que permitiu a impressão de muitos textos. Há, no entanto, uma diferença fundamental: enquanto outrora não havia dinheiro para comprar livros e eles só ficavam ao alcance de alguns, o conhecimento está agora acessível a todos. Na net posso publicar lixo ou uma obra-prima, marcar uma viagem, divulgar os quadros de que gosto, contactar pessoas próximas ou distantes. É uma nova galáxia, como em tempos escreveu Castells.

Para compreendermos os adolescentes de hoje, temos de os conhecer no seu íntimo, perceber a relação que têm com o seu corpo, ver o que se passa com os seus pais e com os seus colegas e amigos e, agora tão importante, compreender como se relacionam com a Internet. A Geração Z, dos que nasceram entre 1990 e 2010, viveu a sua adolescência na época de expansão da Internet, enquanto a Geração Alpha, que veio ao mundo depois de 2010, contactou desde o nascimento com o *smartphone*.

A Internet mudou o nosso quotidiano e a nossa forma de comunicar. Mudou os hábitos dos jovens, sobretudo na relação com os amigos e na procura de informação. São agora adolescentes curiosos, muito conectados pelos seus telemóveis mas, em muitos casos, com poucos contactos presenciais e com vida muito sedentária. Bastantes têm excesso de peso e pouca destreza no desporto, vivendo muitas horas em frente de um ecrã.

Os pais superprotegem-nos no mundo real, mas subprotegem-nos no mundo virtual. Em muitas situações, desconhecem por completo a relação do seu filho com a Internet. Nas escolas, os professores vivem obcecados com o controlo dos telefones e as direções escolares esquecem-se de regulamentar e só falam em proibir.

A verdade é que há motivos para preocupação. Nota-se um declínio da saúde mental dos mais novos, com aumento da ansiedade e da depressão, mais comportamentos autolesivos e perturbações do sono. A infância passada dentro de casa faz com que haja menos interações sociais com amigos e menos contacto corporal, tão importante para nos compreendermos a nós mesmos.

O Ministério da Educação fez bem em "recomendar" e não "proibir" os telemóveis na escola, mas foi claro a definir o espaço escolar sem telefones até ao 3.º ciclo. Ouçamos também os adolescentes sobre esta questão.

Precisamos de treinar a autorregulação dos adolescentes, em vez de só pensar em controlar os seus comportamentos. Os pátios das escolas necessitam de ser melhorados com zonas de diversão e de convívio tranquilo. Na família, cada vez é mais necessário lutar por momentos de conversa, com cada um a olhar para a outro e a escutar o que ele tem para dizer.

Daniel Sampaio
Psiquiatra e escritor



Desde a publicação do seu primeiro *thriller*, o fenómeno *A Rapariga no Comboio*, Paula Hawkins tem vindo a superar-se a cada livro. Não admira que o mais recente, *A Hora Azul*, seja o melhor – e um *thriller* absolutamente brilhante. Ambientado numa ilha remota, acessível apenas na maré baixa e com uma única casa, o livro começa com uma descoberta inusitada: o osso usado numa das obras da aclamada artista Vanessa Chapman, em exposição na Tate, poderá ser humano. Não ajuda que o marido da pintora, que lhe era assumidamente infiel, tenha desaparecido sem deixar rasto há anos... Para tentar perceber o que se passa, Becker, que trabalha para a fundação responsável pelo espólio de Chapman, é enviado a essa ilha isolada, onde esta passou os últimos anos, e que é agora a casa de Grace, uma amiga da artista. O que se segue é uma inteligente história sobre obsessão, arte e o que significa ser realmente livre. Fomos falar com a autora para descobrir como se constrói o *thriller* perfeito.

Paula Hawkins



Por Patrícia Freitas

Vanessa Chapman está no centro do seu novo romance, *A Hora Azul*, mas já está morta quando o livro começa. Quando decidiu que ela seria uma presença fantasmagórica ao longo do livro, à semelhança de Rebecca, de Du Maurier?

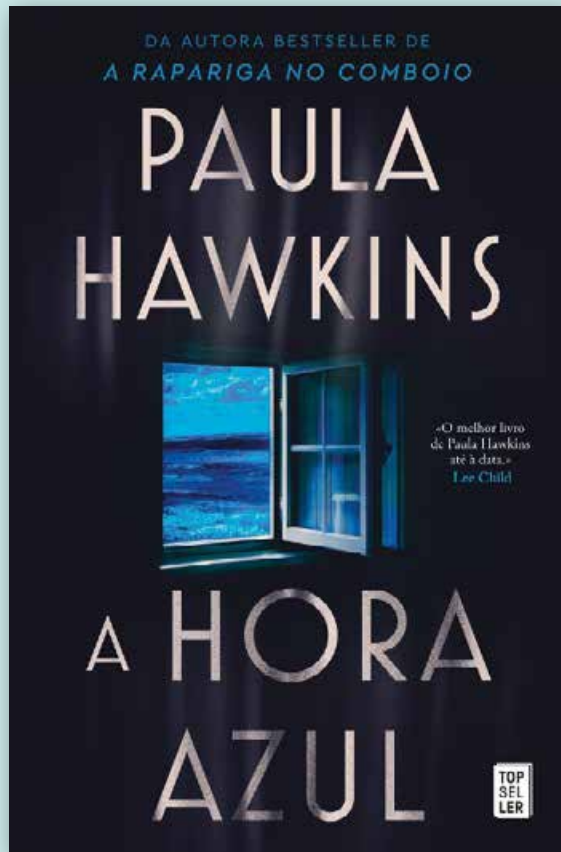
Sabia que queria escrever sobre uma artista, mas só quando comecei a pensar no enredo é que me apercebi de que ela já estaria morta quando o livro começasse. Cheguei a considerar acrescentar à história uma segunda linha temporal, mas depois decidi incluir o elemento do diário. Isso foi útil, porque permite ao leitor aceder ao que Vanessa pensava e sentia sobre o seu trabalho e a ilha, mas também funcionou como um ponto de tensão fundamental na narrativa: a propriedade das cartas e dos diários de Vanessa é disputada, o que é mais uma razão para Becker viajar para a ilha e mais um ponto de conflito e negociação entre ele e Grace.

As obras de Chapman estão tão presentes no romance, e são descritas de forma tão vívida, que é difícil lembrarmo-nos de que não são reais e que não podemos simplesmente procurá-las no Google Images. Sempre teve uma ligação com as artes visuais? Há algum artista ou obra específica que tenha inspirado as obras de Vanessa?

Houve algumas inspirações para as pinturas, mas a mais forte foi a pintora escocesa Joan Eardley, que pintava paisagens terrestres e marítimas. Li uma biografia de Barbara Hepworth enquanto escrevia o romance, assim como o maravilhoso livro de memórias de Celia Paul, *Self Portrait*, pelo que também foram fortes influências.



«As palavras não são assustadoras. As pessoas é que são assustadoras.»



Apesar de as descrições das obras de Chapman serem muito ricas, não há imagens delas no livro, o que contribui para a atmosfera de mistério da história. Mas, se este romance fosse adaptado ao cinema, as suas descrições teriam de ser transformadas em quadros reais...

Essa é uma pergunta interessante – nem sequer tinha pensado nisso! Mas sim, suponho que teriam de ser tornadas reais se o livro fosse adaptado para o cinema. Acho que ficaria confortável desde que quem fizesse o filme tivesse uma noção muito clara da minha visão e inspirações.

Os excertos do diário de Vanessa são muitas vezes sobre temas artísticos. Até que ponto é que isso reflete o seu próprio processo criativo?

A Vanessa tem muitas ideias e sente-se puxada em várias direções, mas, quando se decide por algo, dedica-se a isso de forma obstinada. Duvida de si mesma. Às vezes, preocupa-se com a relevância do seu trabalho; outras vezes, sente que o mesmo não importa, que o importante é manter-se fiel a si própria. Tudo isso também é verdade para mim.

A obra de Vanessa, *Division II*, combina fragmentos de cerâmica com objetos encontrados e um fio dourado. Inspirou-se no *Kintsugi*, a arte japonesa de reparar cerâmica com ouro, e na filosofia de encarar as rachas como parte do objeto?

Sim, sem dúvida. Li um pouco sobre *Kintsugi* e vi muitas imagens de vasos e potes reparados de forma muito bonita, e, quando pensei na Vanessa e no seu trabalho, que tinha sido danificado e destruído, percebi que ela poderia querer recuperar parte dos pedaços partidos, e que utilizar uma técnica como o *Kintsugi* seria apropriado.

As personagens são quase todas imperfeitas, é como se também estivessem quebradas ou rachadas.

Acha que estas brechas permitem que a luz entre em nós ou que, pelo contrário, deixam sair a nossa escuridão para o mundo?

Todos têm falhas, em maior ou menor grau. O que é interessante é como as pessoas reagem ao que sofreram na vida: algumas encontram uma maneira de deixar a luz entrar, outras deixam sair a escuridão – mas não acho que isso seja consequência de se ser uma boa ou má pessoa, mas mais uma combinação de circunstâncias. Muito dependerá do facto de as pessoas serem amáveis ou cruéis umas com as outras, em momentos cruciais.

A Hora Azul passa-se no local mais solitário possível, uma ilha escocesa isolada onde o acesso a terra é limitado pelas marés. De onde veio essa ideia?

Há algum tempo, muito antes de começar a escrever o livro, fui de férias à costa da Bretanha, que está repleta de ilhas, muitas delas ilhas de marés. Passei muito tempo a caminhar por lá e, na maré baixa, era possível caminhar pela areia até essas ilhas. Lembro-me de ver uma ilha minúscula com uma única casa solitária. Olhei para ela e senti um arrepio, um formigueiro na nuca. Soube de imediato que um dia escreveria sobre uma ilha assim e sobre uma casa assim.

Tanto Vanessa como Grace são personagens mais complexas e interessantes do que Becker, mas também menos simpáticas do que ele. Além disso, a vida de Becker parece girar em torno de mulheres: a esposa, a artista que idolatra, a mãe, Lady Emmeline. Foi uma escolha deliberada tornar estas personagens femininas mais fortes e menos simpáticas do que os homens?

Não costumo colocar homens no centro dos meus livros, mas fi-lo neste. Becker é um bom homem, e acho-o mesmo interessante: é muito moderno em certos aspetos e bastante antiquado noutros; quer ser nobre, mas às vezes não o é; sente-se muito culpado por alguns dos seus comportamentos e receia que essas coisas voltem para o assombrar. É distraído, e isso é um problema, como descobrimos a certa altura no romance. Quanto à simpatia – não penso nisso. Não me interessa muito se as pessoas são vistas como simpáticas ou não – e é algo muito subjetivo, de qualquer forma.

Há alguns anos, disse ao *The Guardian*: «Há sempre um momento num romance em que se pensa: Ó meu Deus, isto não vai acontecer! Mas percebemos que temos de continuar a remar. Terra firme vai aparecer. Há sempre um momento muito negro em que nos sentamos à secretária e choramos.» Isso ainda lhe acontece?

Adorei escrever este romance, por isso acho que não chorei nenhuma vez! Mas tenho a certeza de que voltarei a chorar. Cada romance é diferente e apresenta problemas distintos. Algumas tramas surgem com mais facilidade do que outras, algumas personagens são mais difíceis de entender... Nunca se sabe como vai correr até nos sentarmos e começarmos a escrever.

Há referências à pandemia de COVID no livro, mesmo que, enquanto sociedade, às vezes pareça que apagámos esses anos da memória coletiva – alguma vez sentiu vontade de eliminar essas referências do livro?

Não acho que tenhamos apagado esses anos da memória coletiva – a experiência com a COVID está sempre a surgir nas conversas: as pessoas falam sobre como foi terrível para elas ou, às vezes, como foi fácil e como se sentem culpadas por terem gostado da experiência de estar em confinamento. Fez sentido para mim mencionar a COVID neste romance, especialmente porque Grace é médica, pelo que a pandemia teve mais impacto para ela do que para muitos.

A água desempenha um papel importante em *A Hora Azul*, *Um Fogo Lento* e *Escrito na Água*. O que tem a água de tão inquietante?

Sinto-me atraída pela água: gosto de nadar no mar e adoraria ter uma casa na costa. A água é bela, por vezes hipnotizante, mas também perigosa. E, quando escolhemos, como foi o meu caso, escrever sobre uma casa numa ilha, não é possível escapar à água! A água determina onde podemos ir e quando. Pode proteger-nos, pode salvar-nos e pode fazer com que nos afoguemos, também.

Qual foi o último livro que leu e de que realmente gostou?

Recentemente terminei *A Guardiã*, de Yael Van Der Wouden, que é um romance muito bonito sobre uma jovem mulher a viver na Holanda, pouco depois da Segunda Guerra Mundial. Fala de amor e perda, e tem uma reviravolta perfeita mesmo no centro do livro, que faz com que olhemos para tudo o que aconteceu antes sob uma luz diferente. É muito inteligente e bastante perturbador.

Qual é o livro mais assustador que já leu?

Starve Acre, de Michael Andrew Hurley.

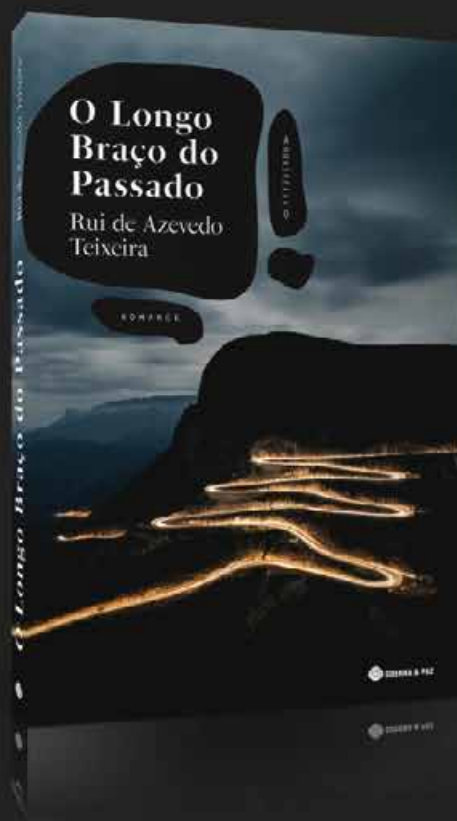
Qual é o seu cenário ideal para escrever?

Sentada à minha secretária, no meu escritório, em Edimburgo, sem nada para fazer o dia inteiro a não ser escrever, em paz.

Qual é a palavra mais assustadora em inglês?

As palavras não são assustadoras. As pessoas é que são assustadoras.

A Vida Aventureira de um Homem de Letras: três romances de um amor inexpugnável



Rui de Azevedo
Teixeira

A violência letal
de um comando
apaixonado por
Camões: «*que
o peito acende
e a cor ao gesto
muda...*» Soberbo!

O magnífico terror
dos tiros. A mais
autêntica trilogia
de amor e guerra da
Literatura Portuguesa

Se procura uma entrada irresistível e fácil de preparar, esta receita do livro *Como Fazer Quase Tudo na Air Fryer*, de Rui Marques, autor do blogue *A Pitada do Pai*, é a escolha perfeita. No livro encontra mais de 100 receitas para fazer em menos de 30 minutos e cheias de sabor. O toque cremoso do queijo salgado com a compota doce vai surpreender os seus convidados, até na Noite de Natal!



Doses: 4



Tempo: 15 minutos



Dificuldade: fácil

Ingredientes

- ✓ 8 a 10 folhas de massa filo
- ✓ Manteiga ou azeite q.b.
- ✓ 1 queijo brie ou camembert
- ✓ Compota de morango ou abóbora q.b.
- ✓ Frutos secos picados q.b

Preparação

Estenda as folhas de massa filo na bancada e coloque o queijo no meio. Vá embrulhando o queijo folha a folha, pincelando cada uma com azeite ou manteiga.

Sempre que embrulhar o queijo em cada folha, vire o queijo ao contrário, para as pontas ficarem para baixo. Antes de colocar a última folha, adicione a compota e volte a enrolar numa última folha de massa filo. Pincele com azeite e leve à Air Fryer cerca de 8 minutos a 180 °C. Sirva com frutos secos picados.



QUEIJO ASSADO

receita



COM COMPOTA

Dica do Pai: se preferir, pode fazer com massa folhada ou rechear pão com queijo e compota.

CUBA

Wook se
escreve
em

7 escritores que
engrandecem
a literatura
cubana

Por Vera Dantas



Leonardo Padura (n. 1955)

é um escritor distinguido com importantes prêmios literários e que se tornou conhecido com *Um Passado Perfeito*, o primeiro livro da série de policiais protagonizada pelo detetive Mario Conde e que mostra uma Havana urbana, distante da capital turística, numa espécie de radiografia moral do país. Com uma capacidade analítica notável, em *O Homem que Gostava de Cães*, Padura entrelaça as histórias de Leon Trotsky, do seu

assassino Ramón Mercader e de um escritor cubano. O resultado é um retrato histórico das consequências da mentira ideológica e do seu poder destrutivo no contexto da utopia mais importante do século XX. O escritor é parte de uma geração que viveu sucessivas ondas de saída de pessoas de Cuba e aborda esta problemática em várias das suas obras, entre as quais *Como Poeira ao Vento*, a história de um grupo de amigos que sobreviveu a um destino de exílio em vários lugares do mundo. Padura, que não deixou Cuba e não hesita em exprimir as suas opiniões, já viu livros seus serem tirados da circulação nacional.

A literatura cubana é marcada por profundas transformações sociais e políticas. Após a Revolução, muitos escritores escreveram obras que glorificavam o processo revolucionário e a sua ideologia. No entanto, a censura também aumentou, levando ao exílio de escritores críticos do castrismo, como Reinaldo Arenas e Guillermo Cabrera Infante. Estes continuaram a escrever

de fora, criando uma literatura da diáspora em que a nostalgia, a perda e a resistência ao regime castrista são temas constantes. Os netos da revolução foram educados como

pioneiros no marxismo-leninismo, mas cansaram-se de ouvir discursos utópicos. Alguns abandonaram a ilha, fartos de perseguições, em busca de um futuro, mas outros decidiram ficar e esquivar-se à censura a partir do coração de Havana. A literatura cubana já viu grandes mudanças. Os novos escritores já não têm a visão dos seus pais. Desde o final do século passado, uma literatura crítica começou a narrar o desencanto e a visão do povo, em contraste com a vida para lá dos muros do regime. A mestria, coragem e brilhantismo dos seus escritores são a prova de que a literatura não só subsiste muito além das amarras do regime, como floresce com um vigor aplaudido internacionalmente. Conheça os escritores que mais a têm engrandecido.

Pedro Juan Gutiérrez

(n. 1950), com obra traduzida em mais de 20 idiomas, é reconhecido internacionalmente como um dos escritores mais talentosos da nova narrativa latino-americana, tendo alcançado o estatuto de escritor de culto. Foi catapultado para a fama pelo livro *Trilogia Suja de Havana*, que faz parte de um conjunto de cinco títulos do seu *Ciclo de Havana Central*, uma série que reflete a vida do autor. Nela, encontramos *Carne de Cão*, um livro autobiográfico, vertiginoso e descarnado em que Gutiérrez faz um *striptease* da sua vida, mantendo um sorriso cínico de desprezo de tudo e de todos. Igualmente marcante é *O Insaciável Homem-Aranha*, contos sobre a vida de um homem (o autor) de 50 anos em busca de prazer e sentido nas ruas decadentes de Havana, numa mistura desenfreada de amor, sexo, ódio, sonhos, paixões, realidade e frustrações. *Fabián e o Caos*, baseado em factos reais, conta a história da amizade improvável entre dois párias da revolução cubana, um sedutor insolente e um pianista recluso e frágil, ambos com condutas que não se ajustam à ideologia do novo governo cubano. Um romance de contrastes, prova do gigante talento deste escritor, visto por muitos como uma espécie de Bukowski caribenho.



É uma espécie de autobiografia ficcional, reconstruída a partir dos diários de batalha do contrarrevolucionário. Os capítulos cobrem três décadas da História da América Latina e são intercalados com o encontro do protagonista com Valentina, uma cubana que viaja para Paris para leiloar os quadros de um antepassado. Falcón, que em adolescente deixou Cuba, nos anos 60, determinado a derrubar Fidel e a vingar a execução do pai, tornou-se num indivíduo cínico e sem ideais, e o livro vai revelando como se deu essa transformação: os primeiros contornos da sua luta, os aliados e amigos perdidos, os rivais e as guerras.

Reinaldo Arenas**(1943-1990),**

romancista, dramaturgo e poeta dissidente, foi expulso de Cuba e condenado ao exílio.

Chegou a publicar sem a autorização da UNEAC (Unión Nacional de

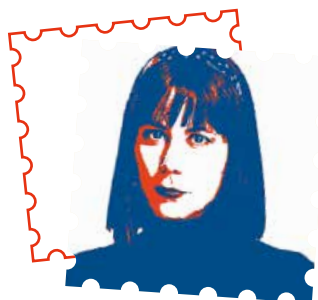
Escritores y de Artistas de Cuba), que confiscou e destruiu algumas das suas obras. Vítima das perseguições movidas pelo regime castrista aos homossexuais, e sobretudo por criticar o Governo, foi aprisionado num campo de reeducação. Quando, em 1980, pôde finalmente sair de Cuba, acabou por se instalar em Nova Iorque, onde, padecendo de sida, se viria a suicidar em 1990.



Arturo La Estrella Mas Brillante, uma pequena obra-prima, é o seu relato lírico e alucinante enquanto prisioneiro dos campos de reeducação do regime castrista, entre 1974 e 1976, e ao mesmo tempo um testemunho belo e chocante – uma única frase de 110 páginas em que Arenas ficciona a sua experiência dolorosa. Aqui temos homens enlouquecidos pela «realidade intolerável»: uns sucumbem, outros resistem, todos enlouquecem.

A autobiografia de Reinaldo Arenas, *Antes que Anoiteça*, adaptada ao cinema em 2000, é um relato que vai desde a infância, quando vivia no quarto dos criados de uma tia que era informadora da polícia, à descoberta da homossexualidade e à sua repressão, aos encontros com outros escritores, às perseguições e fuga, à chegada à América e a desilusão final. Este, que é considerado o mais delirante ajuste de contas na literatura cubana, transporta para a ficção os seres

A escritora e poetisa **Wendy Guerra** (n. 1970) vive em Cuba e tem os seus livros publicados em muitos países, mas não no seu. Os seus romances compõem um poderoso retrato geracional dos incómodos netos da revolução, com uma capacidade de diálogo elogiada



por García Márquez. Wendy é uma filha do idealismo guerrilheiro que saltou o muro para ver o outro lado. O seu discurso ficcional é crítico em relação à historiografia cubana e apresenta uma nova visão da Cuba contemporânea. A sua grande obra sobre o mundo da resistência cubana é *El Mercenario Que Coleccionaba Obras De Arte*, que narra a vida de Adrián Falcón, inspirado num indivíduo real que desempenhou um papel fundamental no escândalo Irão-Contras.

meio monstros, meio vítimas que o castrismo fez nascer, ridicularizando-os.

O segundo romance do escritor, ***O Mundo Alucinante***, um dos mais audazes do *boom* latino-americano, foi proibido por ser considerado uma alegoria subversiva. Nele, Arenas conta a história de Servando Teresa de Mier, o monge travesso e aventureiro que viveu entre os séculos XVIII e XIX e foi perseguido pela sua heterodoxia religiosa. O monge foi banido, preso inúmeras vezes, percorreu a Espanha de Carlos IV e de Godoy, a França de Chateaubriand e de Madame de Staël, a Inglaterra de Lady Hamilton, a Itália, os Estados Unidos e Cuba. Perseguido pelo Santo Ofício, confrontou-se obstinadamente com a tirania colonial espanhola. O brilhantismo de Arenas faz deste um romance de aventuras com uma dimensão fabulosa e tranbordante de vida, marca indelével da sua obra.



Guillermo Cabrera Infante (1929-2005), romancista, contista, crítico de cinema e ensaísta, foi o mais proeminente escritor cubano a viver no exílio e o mais conhecido porta-voz contra o regime de Fidel Castro. Em 1998, foi-lhe atribuído o Prémio Cervantes. O tom

atrevido e inovador com que escreveu os seus romances, ensaios, contos e críticas de cinema é descrito como um género híbrido e novo, a "opinião narrativa".

Tornou-se um escritor renomado com ***Três Tristes Tigres***, um romance que, à maneira de *Ulisses*, de James Joyce, relata as aventuras de várias personagens jovens na vida noturna pré-revolucionária de Havana – Códac, fotógrafo; Eribó, músico; Silvestre, ator; e Bustrófedon, poeta morto que sobrevive através dos registos das suas experimentações linguísticas. Todos, cativos de uma realidade medíocre e sem futuro. Um livro divertido, repleto de jogos textuais e trocadilhos de todo o género. ***Mapa Desenhado por um Espião***, publicado postumamente, reúne as suas memórias mais políticas, passando pelo seu desencanto perante a Revolução Cubana e pela sua decisão de se exilar definitivamente.

Persona non grata junto do *establishment* cultural cubano, Cabrera acabaria por deixar Cuba e se estabelecer em Londres.



Romancista, jornalista e guionista, **Zoé Valdés (n.1959)** é autora de uma obra que explora temas como a liberdade, o exílio, a repressão e a identidade, em obras como ***Pájaro Lindo De La Madrugá***. Valdés

cresceu em Havana, no meio das privações e do controlo apertado da ditadura castrista. O seu desejo de liberdade levou-a a pedir asilo político em França, aos 24 anos, no que seria o início de uma carreira literária frutuosa, em exílio e sempre crítica do regime castrista, espelhada no livro ***La Intensa Vida***. Vive e publica os seus romances em Paris, mas as suas personagens são sempre cubanas. Valdés foi considerada a precursora do sucesso que os escritores cubanos gozam atualmente em todo o mundo.

Além de escritor, **Alejo Carpentier (1904-1980)** foi jornalista, musicólogo e crítico de arte, tendo vencido importantes prémios, como o Cervantes e o Médicis Étranger. Foi o criador do "real maravilhoso" – na sua

opinião, é a melhor definição da idiossincrasia do continente americano –, o estilo que ficaria conhecido como realismo mágico. ***O Reino deste Mundo*** é uma das suas obras mais importantes, uma história alucinante passada na corte real haitiana do rei Henri Christophe. O livro expõe a luta pela liberdade dos povos escravizados na sociedade haitiana dos séculos XVIII e XIX, e mostra como a conquista de direitos não termina com os processos revolucionários contra os poderes e impérios que subjuguem outros povos. Autor-diplomata, grande amigo de Fidel Castro e da sua revolução, em toda a obra, Carpentier hesitou entre a tentativa de reconciliar a cultura europeia com a América pré-colombiana e o desespero de constatar que tal reconciliação era impossível.



PAI AVRAS

CRUZADAS

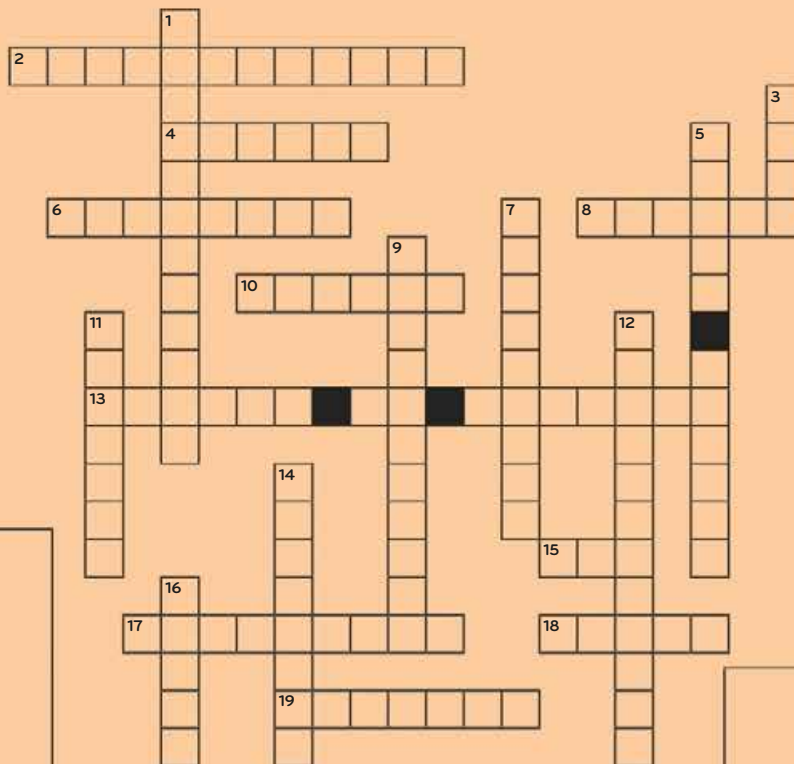
Deixe-se guiar pela magia, pelo ar assombrador e arrepiante do *Halloween*, pelo aroma maravilhoso das bebidas outonais ou pelo espírito de alegria do Natal e encontre as respostas certas! Wook é melhor para os dias mais frios?

Horizontal:

2. O ... – história que inspirou o bailado de Tchaikovsky, que se passa na véspera de Natal
4. Protagonista da série de crônicas que começa com o inverno eterno, escrita por C. S. Lewis
6. Antes que o Café ..., livro de Toshikazu Kawaguchi
8. Primeiro nome da autora de *O Café Pumpkin Spice*
10. Fenômeno meteorológico comum no outono e associado a atmosferas literárias góticas
13. Coletânea de contos de mistério de Agatha Christie ambientados na estação mais fria
15. Edgar Allan ..., autor de histórias góticas como *O Corvo*
17. Feriado do outono, muitas vezes tema de livros de terror, especialmente na literatura jovem
18. Celebração que ambienta muitas obras literárias passadas no inverno
19. Autor que criou obras com mundos de fantasia épica e atmosferas sazonais, como *O Senhor dos Anéis*

Vertical:

1. Livro de Mary Shelley que, com sua atmosfera sombria e gótica, é uma leitura ideal para o outono
3. O Boneco de ... , romance policial de Jo Nesbo
5. Série de J. K. Rowling que começa no outono, com o regresso às aulas em Hogwarts
7. Fruto seco típico do outono, assado e vendido em carrinhos pelas ruas, especialmente nos dias frios
9. Mansão assombrada por um fantasma travesso, numa obra de Oscar Wilde
11. Autor de *Um Cântico de Natal*
12. Famosa distopia de Ray Bradbury, que inclui uma temperatura no título
14. Sensação procurada em dias frios de outono, tema de muitos livros
16. Força sobrenatural comum em livros YA e de fantasia



- Soluções:**
- Horizontal:**
2. Quebra-nozes
 4. Nárnia
 6. Arrefeça
 8. Laurie
 10. Brumas
 13. Crimes de Inverno
 15. Poe
 17. Halloween
 18. Natal
 19. Tolkien
- Vertical:**
1. Frankenstein
 3. Neve
 5. Harry Potter
 7. Castanhas
 9. Canterville
 11. Dickens
 12. Fahrenheit 451
 14. Conforto
 16. Magia

Ruy Belo *Todos os Poemas*

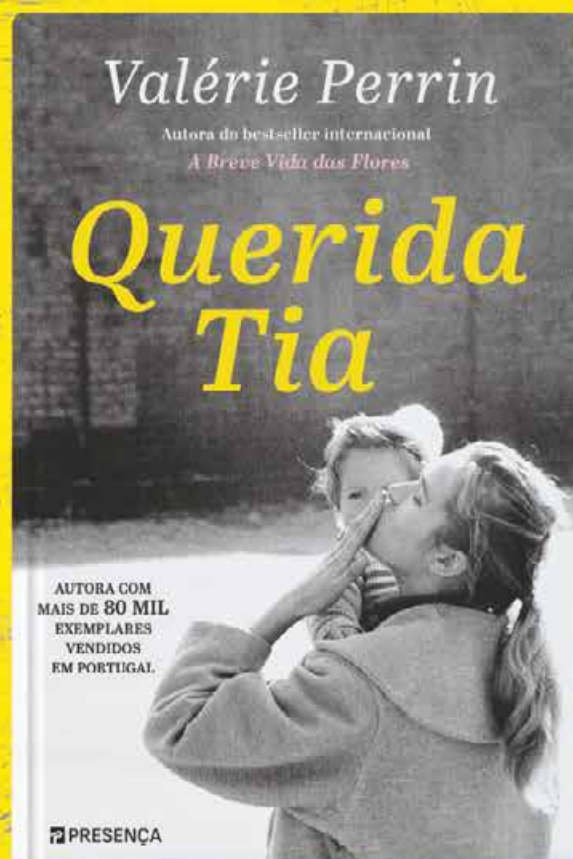
Um Rosto no Natal

Ruy Belo, *Todos os Poemas*, Assírio & Alvim, abril de 2009, pp. 476-477

Caiu sobre o país uma cortina de silêncio
a voz distingue o homem mas há homens que
não querem que os demais se elevem sobre os animais
e o que aos outros falta têm eles a mais
No dia de natal eu caminhava
e vi que em certo rosto havia a paz que não havia
era na multidão o rosto da justiça
um rosto que chegava até junto de mim da nicarágua
um rosto que me vinha de qualquer das indochinas
num mundo onde o homem é um lobo para o homem
e o brilho dos olhos o embacia a água
Caminhava no dia de natal
e entre muitos ombros eu pensava
em quanto homem morreu por um deus que nasceu
A minha oração fora a leitura do jornal
e por ele soubera que o deus que cria
consentia em seu dia o terramoto de manágua
e que sobre os escombros inda havia
as ornamentações da quadra de natal
Olhava aquele rosto e nesse rosto via
a gente do dinheiro que fugia em aviões fretados
e os pés gretados de homens humilhados
de pé sobre os seus pés se ainda tinham pés
ao longo de desertos descampados
Morrera nesse rosto toda uma cidade
talvez pra que às mulheres de ministros e banqueiros
se permita exercitar melhor a caridade
A aparente paz que nesse rosto havia
como que prometia a paz na indochina a paz na alma
Eu caminhava e como que dizia
àquele homem de guerra oculta pela calma:
se caís pela justiça alguém pela justiça
há-de erguer-se no sítio exacto onde caíste
e há-de levar mais longe o incontido lume
visível nesse teu olhar molhado e triste
Não temas nem sequer o não poder falar
porque fala por ti o teu olhar
Olhei mais uma vez aquele rosto era natal
é certo que o silêncio entristecia
mas não fazia mal pensei pois me bastara olhar
tal rosto para ver que alguém nascia



O novo romance de
Valérie Perrin,
autora de
*A Breve Vida
das Flores*



Disponível em 20 de novembro



O MUITO AGUARDADO ROMANCE
DE UMA DAS AUTORAS
MAIS LIDAS EM PORTUGAL.

 **PRESENÇA**